Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Patricia Augusto Corrêa

#Ocupaescola: Juventude e mobilização no Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2017

Patricia Augusto Corrêa

#Ocupaescola: Juventude e mobilização no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Escola e seus Sujeitos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira

Duque de Caxias

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CEHC

C824 Correa, Patricia Augusto
Tese #Ocupaescola: Juventude e mobilização no Rio de Janeiro / Patricia Augusto Correa – 2017.
93f.

Orientador: Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Movimentos sociais – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Juventude - Teses. I. Oliveira, Gustavo Rebelo Coelho de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 304(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Patricia Augusto Corrêa

#Ocupaescola: Juventude e mobilização no Rio de Janeiro

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Escola e seus Sujeitos Sociais.

Aprovada em: 20 de junho de 2017

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Gustavo Rebelo Coelho de Oliveira (Orientador)

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ

_____

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho

Instituto de Artes – UERJ

_____

Prof. Dr. Aristóteles Berino

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Duque de Caxias
2017

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todos os “ocupas”
das escolas do Estado do Rio de Janeiro
(e do mundo).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, essa força única que rege as coisas para a evolução e aprendizado;

A todos os meus avós, especialmente à minha vózinha querida que partiu do mundo físico no meio do mestrado e no meio desse trabalho, que mesmo praticamente analfabeta, adorava me ver estudar, torcia por mim e se orgulhava a cada conquista minha, profissional, acadêmica e pessoal.

Aos meus pais por todo amor. Pai, obrigada por sempre apoiar meus projetos e estar presente em minha vida. Mãe, obrigada por me amar de uma forma tão generosa e incondicional. Obrigada por não desistir de mim até mesmo em momentos em que eu pensei em desistir. Obrigada por me ensinar a amar, por sempre acreditar em mim (e me fazer tentar acreditar).

Ao meu amor, Rodrigo, por todo apoio, físico, psicológico, social, acadêmico, logístico, emocional... Obrigada por entender as inevitáveis ausências e embarcar comigo nessa jornada, procurando livros, filmes, mapas e tudo sobre o tema. Você sem dúvida é um dos presentes mais especiais em minha vida e sou uma pessoa melhor caminhando ao seu lado.

Ao meu primeiro (não oficial) orientador e amigo Thiago Santos. Obrigada por todo apoio. Nada é por acaso. Você merece todo o sucesso do mundo. Ótimo professor, colega, estudante (quase doutor), ser humano. Gratidão a você.

Ao meu querido orientador Gustavo Coelho, que me acolheu de maneira tão gentil e sensível em minhas dificuldades, mas acima de tudo em minhas possibilidades. Se não fosse por você, provavelmente esse trabalho não seria realizado. Agradeço desde o momento inicial em que aceitou me orientar de forma tão generosa... Você é fluminense, mas é gente boa. Parafraseando você, “Deixa os garotos ocupar”. #Obrigadaportudo!

À professora Liliane Leroux que me apoiou em um momento em que estava pensando em desistir do curso. Você é uma professora e uma pessoa especial. Obrigada por todas as reflexões sobre periferia e vida da arte (ou arte da vida?) em aula. Obrigada por nosso papo em Janeiro de 2016, e todo seu apoio, empatia e sensibilidade.

Aos professores que contribuíram em minha formação de forma tão reflexiva e generosa, desde as séries iniciais do ensino fundamental a pós-graduação;

Aos professores Aldo e Aristóteles, pela generosidade e por todas as observações, apontamentos, sugestões e contribuições na qualificação;

Aos colegas do mestrado, pares estudantes, trabalhadores e pesquisadores pós-graduandos em luta e resistência acadêmica, social e pessoal. Porque nós "cansamos de esperar, invadimos!". #ocupar a academia! Sucesso e luz no caminho de todxs vocês.

As amigas de sempre: Ana Luisa, Vivi Smurfy, Felipe, Melissa, Cristiane, Vivi (UERJ), Flaviane e Bia (inclusive minha assistente de pesquisa nas primeiras entrevistas). Obrigada pelo apoio de vocês nos momentos mais difíceis, em minha vida pessoal e acadêmica. Esses últimos anos não foram fáceis e não consigo me imaginar chegando aqui sem o apoio de cada uma de vocês. Desculpem a maior ausência nesse período. Amo vocês e devo parte de minha formação pessoal e acadêmica a cada uma de vocês.

A todas as unidades da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que enfrentam tanta dificuldade e pelas quais fui acolhida da melhor forma em minha formação, principalmente: Maracanã, FEBF, FFP, Cap-Uerj, seus (guerreiros) professores e funcionários, que mesmo sem salário davam aula e faziam atendimento para que não fôssemos prejudicados. A crise passará, a UERJ não!

Aos (jovens) "ocupas", de meu colégio e de tantos outros, essa juventude que tem sido cada vez mais massacrada pelo Estado e todos seus aparatos, tão "marginalizada" e tão heterogeneamente rica, com quem tantas experiências únicas tive, tantas reflexões e aprendizados vivenciei, que ficou semanas a luz de velas na ocupação de seu colégio, cozinhou num forninho minúsculo, comeu atum com macarrão por dias, comeu arroz com feijão sem carne, aprendeu a lavar colégio, roupa, pátio, dormiu num colchonete ou colcha no chão e tentou com tanto afinco varrer a "sujeira" das escolas cariocas (fluminenses de maneira geral)... Aprender a questionar, aprender a lutar, a resistir... Obrigada por me ensinarem na prática a etimologia e a semiose da palavra "ocupar";

Minha gratidão imensa (e eterna) a todxs vocês.

Um dia me disseram que
as nuvens não eram de algodão
Um dia me disseram que
os ventos às vezes erram a direção

E tudo ficou tão claro
Um intervalo na escuridão
Uma estrela de brilho raro
Um disparo para um coração

Um dia me disseram quem
eram os donos da situação
Sem querer eles me deram
as chaves que abrem essa prisão

Quem ocupa o trono tem culpa
Quem oculta o crime também
Quem duvida da vida tem culpa
Quem evita a dúvida também tem

Somos quem podemos ser
Sonhos que podemos ter.

Engenheiros do Havaí

RESUMO

CORREA, P. A. #*Ocupaescola*: Juventude e mobilização no Rio de Janeiro. 2017. 93p. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2017.

Esta dissertação teve como objetivo investigar o processo de mobilização juvenil de ocupação de escolas estaduais cariocas que ocorreu no ano de 2016. Pesquisa esta realizada através de observação de palestras e debates sobre o tema, além de pesquisa virtual e real de seis destas escolas ocupadas, de suas páginas virtuais na mídia social do facebook, através das quais expressavam suas rotinas, dificuldades e opiniões políticas, e também através da visitação a essas ocupações, assim como a observação e participação em algumas de suas atividades diárias, como aulões, debates, oficinas de filosofia, de artesanato, além de entrevistas com esses jovens. Buscou também uma aproximação (sem muito êxito) com o movimento #desocupa. Teve como objetivo também verificar como ocorria a mobilização, organização, possíveis desdobramentos do movimento #ocupa, o que significou (para os jovens que delas participaram assim como para suas escolas) este novo movimento estudantil – e social – de protesto, de indignação coletiva, assim como as possíveis conquistas, dificuldades e significados deste movimento, para a escola e para os próprios estudantes.

Palavras-chave: Ocupação. Escola. Juventude. Resistência. Mobilização.

ABSTRACT

CORREA, P. A. . *#OcuppySchool*: Youth and mobilization in Rio de Janeiro. 2017. 93p. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2017.

This dissertation reached to investigate the youth occuppy mobilization that happened on public high schools of Rio de Janeiro that happened in 2016. This study was made by observation of meetings and debates about the theme, otherwise virtual and real observation of six of these occupied schools, by its social midia of facebook pages, in which the Young expressed their occupy mobilization activities, dificulties and political opinions, and also by visiting these occupied schools, participating in some of the daily occupy activities. It sought also an approach (without succed) with the movement against #ocuppy. This work has as objective also checking it out how it occured the mobilization, organization and unfoldings of the #occupy movement in the high schools of Rio de Janeiro, (which possible meanings were built by this participation on the occupy on these students and also on their schools) this new student moviment – and social also – of protests, of these collective indignations, as well as posible achievements, dificulties and meanings of this movement, for the school and also for the students themselves.

Keywords**:** Occuppy. School. Youth. Resistance. Mobilization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Jovens reunidos na escola 6 (ultimo dia de ocupação) 75
Figura 2 – Tapumes personalizados pelos alunos da escola 3..... 79
Figura 3 – Atividade de Filosofia em ocupação na escola 2 80
Figura 4 – Forninho elétrico da ocupação na escola 3 81
Figura 5 – Refeição na ocupação da escola 4, à luz de velas 82
Figura 6 – Apelo da escola 2 às redes sociais 83
Figura 7 – Hashtags acompanham os movimentos de ocupação 84
Figura 8 – Alunos fecham rua no Centro do Rio de Janeiro 85
Figura 9 – Bilhete de apoio ao movimento #Ocupa na escola 5 86
Figura 10 – Dormitórios na ocupação da escola 5 87
Figura 11 – Aulão de História na ocupação da escola 6 88
Figura 12 – Calha na cozinha da escola 5 89
Figura 13 – Reivindicações escola 5 90
Figura 14 – Termo de Compromisso 91
Figura 15 – Desdobramentos judiciais 92
Figura 16 – Atividade semanal de Ocupação 93
Quadro 1 – 3 palavras que definem Juventude e Ocupação 26
Quadro 2 – Escolas Ocupadas por região 44
Quadro 3 – Quantidade de curtidas/ apoiadores do movimento #ocupa e #desocupa 61

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	**JUVENTUDE(S) E MOBILIZAÇÃO**	18
1.1	**A percepção inicial de Juventude (da pesquisadora)**	19
1.2	**O(s) conceito(s) de Juventude(s)**	21
1.3	"**Juventude e Ocupação" por ela mesma"**	25
2	#**OCUPAMUNDO**	29
2.1	**Movimentos sociais recentes e as ocupações como protesto no mundo**	30
2.2	**A "flor de Junho": O "gigante" acorda**	32
2.3	**Chile e a Revolução dos Pinguins**	35
2.4	**O movimento Secundarista de São Paulo**	39
3	#**OCUPAESCOLA: AS OCUPAÇÕES CARIOCAS**	42
3.1	**A hashtag (#): simbologia e relevância para o(s) movimento(s)**	45
3.2	**O Início: O interesse, o objeto flutuante/líquido**	48
3.3	**Aproximações e distâncias**	51
3.4	**O (movimento) #desocupa**	57
4	**PODER, CURRÍCULO, AUTORIDADE E IDENTIDADE: O LEGADO PESSOAL E SOCIAL DAS OCUPAÇÕES**	64
4.1	**Ocupação e Currículo**	64
4.2	**Ocupação: Poder e Autoridade em Disputa**	67
4.3	**Ocupação e identidade juvenil**	69
	CONCLUSÃO	71
	REFERÊNCIAS	76
	ANEXO A – Tapumes personalizados pelos alunos da escola 3	79
	ANEXO B – Atividade de filosofia em ocupação na escola 2	80
	ANEXO C – Forninho elétrico em que os alunos cozinhavam durante a ocupação na escola 3	81
	ANEXO D – Escola 4, ficou sem energia elétrica por 2 semanas durante a ocupação	82
	ANEXO E - Escola 2 (assim como as outras visitadas) faz apelo às redes sociais	83

ANEXO F – As hashtags estavam presentes em todos os movimentos de ocupações escolares. Abaixo, foto do portão externo da escola 1 84
ANEXO G – Alunos da escola 3 fecham rua no Centro do Rio de Janeiro.. 85
ANEXO H – Estudante que era contra o movimento de ocupação deixa bilhete de apoio ao #ocupaescola após atividade de debate com os ocupas (Escola 5) 86
ANEXO I – ANEXO 9: Dormitórios improvisados na sala dos professores da escola 5 87
ANEXO J – Atividade na Ocupação (Aulão de História - escola 6)..... 88
ANEXO K – ANEXO 11: “Calha” no interior da cozinha da escola 5, onde no momento de minha visita, passou um rato..... 89
ANEXO L – Pauta Reivindicações específicas da unidade escolar (escola 5) 90
ANEXO M – Uma das páginas do Termo de compromisso assinado entre Ocupas da rede FAETEC, Comissão de Educação da Assembléia Legislativa, Defensoria Pública, Presidente da FAETEC, Secretário de Ciência e Tecnologia e outros 91
ANEXO N – Abaixo, publicação na página da ocupação (escola 5) com a seguinte legenda: “As inúmeras denúncias realizadas pelos alunos do movimento estudantil comando OcupaFAETEC, bem como o Termo de Compromisso assinado para fins de desocupação, começam a produzir seus ‘primeiros’ desdobramentos judiciais.” (Página da Ocupação no facebook,07/12/16) 92
ANEXO O – Publicação de Atividade semanal da Ocupação (Escola 5) 93

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema veio em decorrência de minha trajetória profissional. Trabalho na área da Educação há pouco mais de dez anos, tendo experimentado a vivência da etnoeducação como bolsista do Pró-índio durante a Graduação, por sete anos a Educação Infantil (Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro) e tenho me "aventurado" na Juventude do Ensino Médio, como Orientadora Educacional na rede FAETEC há apenas três anos, podendo observar – e sentir "na pele" – as dificuldades pelas quais o país, e mais especificamente nosso estado, assim como suas escolas e sua a Juventude em especial têm passado.

Quando o movimento de ocupação carioca teve início no Rio de Janeiro, em 21/03/16, com a primeira escola ocupada na cidade, muitas outras a partir de então começaram a se questionar se deveriam fazê-lo ou não.

Algumas escolas com motivações parecidas, outras específicas de cada rede de ensino (Secretaria Estadual de Educação ou Secretaria de Ciência e Tecnologia), ou mesmo de cada unidade escolar, havia portanto, os "meus" e os "nossos" motivos, algumas por exemplo pediam a criação de grêmios, eleição para direção (fim da indicação de direção), outras já tinham grêmio e eleição mas pediam alimentação gratuita, pagamento em dia dos funcionários (que desde 2015 tem sido atrasado/parcelado, sendo esta uma motivação em comum), alimentação, segurança, ou mesmo para fazer oposição a uma direção, segundo eles, arbitrária.

Na escola em que trabalho não foi diferente. Em Abril de 2016 recordo-me de alguns alunos perguntando a outros profissionais e a mim o que pensávamos sobre a ocupação.

Quando me questionavam, eu falava os prós e contras (na minha opinião), mas pedia sempre que conversassem com outros professores e outras escolas, com opiniões parecidas e diferentes. Os alunos começaram a se movimentar, no sentido de observar as outras experiências de ocupação, para entender se a comunidade escolar discente apoiaria tal decisão e a consequente viabilidade do processo em nossa escola.

Aos poucos os jovens foram se informando, mobilizando (fazendo "manifestações" como fechamento de ruas (anexo 7), "abraçaço" às escolas, fazendo assembleias, tentaram contato com as "autoridades educacionais" (na

Seeduc, o ex-secretário de educação Antônio Vieira Neto, e na FAETEC, o ex-presidente Wagner Victer) com suas respectivas reivindicações.

No entanto os alunos não conseguiam ser atendidos/ouvidos por estes. Após essas primeiras tentativas (frustradas) de comunicação, teve inicio a mobilização através de assembleias. Na escola 5 (escola em que trabalho) primeiro votaram em assembleia com as mãos levantadas e a opção que ganhou foi pela ocupação.

Esta opção foi ainda questionada por alguns alunos, porque estes queriam votação com contagem, em papel, e em dias diferentes (por mais de um dia). A opção pela ocupação novamente ganhou a votação, desta segunda vez, por escrito. A participação nestas assembleias eram restritas aos discentes e contaram com a participação também do grêmio escolar (em minha escola por exemplo, pois em outras como a escola 4, o grêmio era contra a ocupação).

Este trabalho busca investigar o movimento estudantil de ocupação das escolas na cidade do Rio de Janeiro no ano de 2016, relatando possíveis dificuldades, conquistas de reivindicações e formas de organização relativas a estes movimentos.

Tendo em vista o atual complexo momento econômico-político-social de "lutas", "perdas", conturbações, com mudanças pelo qual passa o país, o Estado em questão, e seus respectivos governos, propondo mudanças as quais têm afetado – e mobilizado – significativamente profissionais da área da Educação, alunos no país inteiro, e diversos setores da sociedade civil, através por exemplo da Reforma do Ensino Médio, (Proposta de Emenda Constitucional 241 (PEC 55/2016), aprovada em Dezembro de 2016 pelo Congresso. Proposta esta que restringe, limita e vincula gastos e concursos na área da Educação às taxas de inflação do país, por exemplo) disparando ocupações em universidades, escolas secundárias, Institutos Federais e toda uma gama de Instituições, num movimento de protesto contrário à proposta.

No entanto este trabalho foi motivado e se restringe ao movimento anterior de ocupação que ocorreu no primeiro semestre de 2016, nas escolas estaduais. O objetivo deste trabalho foi o de acompanhar este movimento de ocupação das escolas secundárias cariocas assim como seus desdobramentos, observando este novo "fenômeno" que vem ocorrendo no mundo e no Brasil como forma de protesto e mobilização por direitos, buscando entender um pouco sobre este processo.

Os objetivos do trabalho são, portanto: observar a rotina das ocupações,

sua(s) forma(s) de organização, buscar bibliografia referente ao tema das ocupações para tentar entende-lo, não completamente, mas o melhor que for possível. Procuramos ainda observar possíveis correlações (semelhanças e diferenças entre as ocupações), assim como suas conquistas e legados para o futuro.

Por quê ocupar? Para que? Seria realmente um movimento de “jovens baderneiros e desorganizados” como ouvi de vários colegas e da mídia? Desta última, não diretamente, mas através de imagens, falas e pessoas escolhidas; por exemplo no programa da Rede Globo, RJ TV, de 29/03/16, o qual tratava da ocupação do primeiro colégio.

A matéria do programa inicia falando sobre as reivindicações dos alunos que ocupavam um determinado colégio, que eram as mesmas de outros colégios: corte do currículo mínimo, abolição do SAERJ (Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro) e uso da infraestrutura total da escola (há escolas cujos espaços não são totalmente ou são pouco aproveitados pelos alunos, que inclusive têm o acesso bloqueado por tapumes, como por exemplo a escola 3, foto no anexo 1 e também a escola 1 na qual não era permitido aos alunos utilizar a quadra esportiva).

Logo depois na reportagem é mostrado um grupo do #desocupa dentro do colégio, com uma menina que diz “nós queremos aulas normais como estávamos tendo” e um professor, que mesmo durante a ocupação deu aulas “regulares”, demonstrando desaprovação do movimento: “eu sou um educador, e como educador, sou contra qualquer tipo de paralisação”.

Logo a seguir mostra a fala do então secretário de Educação, Antônio Vieira Neto, que pediria a reintegração de posse da escola, relatando que pediu uma conversa com os líderes, disse que conversou com os ocupantes e que eles não apresentaram nenhuma reivindicação, que eles estavam sendo influenciados por grupos sindicais e que o fato de pedir reintegração de posse não “encerraria o diálogo” da secretaria com os alunos.

No momento seguinte, uma repórter mostra uma outra escola ocupada e “fechada”, diz que sua entrada não foi permitida e que os alunos não quiseram gravar entrevista. Após esse momento, em que reforça apenas um lado da questão (mostram o professor que quer dar suas aulas e não quer ser prejudicado, os alunos do #desocupa que não querem “ser prejudicados”, o secretário de educação dizendo que não houve argumentação por parte dos ocupas), acredito que a “opinião

midiática” passa a ser mais clara sobre a ocupação: a repórter de estúdio, Mariana Gross, pergunta ao repórter Edimilson Avila: “Edmilson, a secretaria ainda não entrou com o pedido de reintegração de posse... como é o processo, o andamento disso?”.

Edmilson responde à colega: “Primeiro eles vão reunir a documentação, com fotos, mostrar tudo que aconteceu, e aí manda pra procuradoria, e a procuradoria que faz toda a documentação e pede a reintegração de posse... Aí você viu o secretário dizendo que não interrompeu a negociação, hoje ainda, uma comissão de cinco alunos vai ter uma nova reunião com os subsecretários, para ver se eles avançam, pra botar um fim à essa ocupação, já que tem alunos querendo estudar também...” Ao que Mariana diz “e já são oito dias de ocupação, né?”

Outro exemplo é a matéria do dia 24/10/2016, de Reinaldo Azevedo, colunista da Veja.com, em que, já no título, podemos observar a tentativa de imagem negativa: “REAGE PARANÁ – Morre um jovem em escola invadida do Estado; o sangue no chão é o retrato da política feita pelos comunistas do Estado.”

Estes foram alguns dos exemplos que trazem um pouco da reflexão que pretendemos realizar: O que esses jovens ganham com a ocupação? O que ganha a comunidade escolar? O que os leva a deixarem suas casas, famílias, e passar meses “morando” na escola? O que pensam esses jovens sobre Juventude? Por quê o movimento “desocupa”? Seria apenas “curtição, como uma colônia de férias”, como ouvi de um colega professor de minha escola? Seriam marionetes de professores, sindicatos e partidos políticos? Seriam cidadãos em um (jovem) processo de construção pessoal e social? São algumas das questões das quais buscaremos uma aproximação.

Foram visitadas e acompanhadas, virtual e fisicamente, em seu processo de ocupação, seis escolas estaduais, do total de cerca de noventa ocupadas. As escolas estão localizadas na cidade do Rio de Janeiro e foram escolhidas de acordo com a proximidade de trabalho ou residencial da pesquisadora, algumas destas escolas consideradas “de referência” no Estado (portanto sem motivo “aparente” para estarem ocupadas). As escolas e nomes verdadeiros dos jovens não serão divulgadas, já que a maioria dos jovens que participaram da pesquisa é menor de idade.

Um fato importante para aproximação com os jovens que não eram da minha

escola e consequente escolha das escolas, foram alguns eventos dos quais participei, organizados pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com debates sobre ocupação, envolvendo jovens de ocupações, ocorridos respectivamente em 16/05/16 e 18/06/16.

A partir desses encontros, consegui contato com alguns deles e pedi para visitar suas escolas, das quais todas as seis escolas visitadas e observadas ficam na cidade do Rio de Janeiro, em regiões da zona norte (embora algumas no mesmo bairro, realidades diferentes, algumas bem próximas entre si, fisicamente, algumas dentro de favelas, outras mais "elitizadas"). Importante ressaltar que em três delas o contato inicial foi nestes seminários citados acima e organizados pelas Universidades UNIRIO e UERJ, já em outras duas o contato foi no momento mesmo da primeira visita (sem contato pessoal ou virtual prévio), sendo a quinta e penúltima escola visitada, a escola em que trabalho.

A metodologia utilizada foi a biográfica de jovens (lideranças ou não, mas que participavam ativamente do movimento de ocupação). Esta metodologia é pertinente na medida em que "cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve." (GOLDENBERG, 1999, p. 37).

A observação do dito "oficialmente", pela entrevista/ dirigida a mim, do "não dito", do dito "entre eles" quando esqueciam que eu estava lá, tudo isso fez parte da pesquisa, e faz, de uma maneira geral, parte da pesquisa em ciências humanas, sociais. A mesma autora afirma ainda que "a utilização do método biográfico em ciências sociais é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e suas ações a época histórica em que vivem" (GOLDENBERG, 1999, p. 43)

O objeto de estudo é atual, e portanto, o relato oral desses jovens é metodologia de pesquisa. Neste caso a história oral contribui bastante para elucidar uma tese, considerando que "a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história" (THOMPSON apud ESQUINSANI, 2012, p. 220).

Iniciei a metodologia, preocupada com a formalidade da pesquisa, e portanto, nas primeiras escolas, trabalhei com perguntas dirigidas (realizei perguntas dirigidas em todas as entrevistas, mas a partir da terceira escola, fui percebendo o quanto era

mais rico deixá-los falar sobre o fato, e depois, se faltasse alguma pergunta, eu fazia).

Percebi que eles já respondiam a maioria dos questionamentos que eu tinha antes que eu o fizesse, e às vezes relatavam situações tão relevantes, que certamente eu não perguntaria sobre; estavam fora do roteiro. Então, a metodologia foi a história oral desses jovens, que no entanto, fui mudando a forma de abordagem, deixando-os mais livres a partir da quarta escola.

A utilização dos documentários “Acabou a Paz: Isso aqui vai virar o Chile” e “A Revolta dos Pinguins”, ambos de Carlos Ponzato, também foram de extrema relevância para este estudo, na medida em que trazem imagens e relatos reais de ambos os casos que serão abordados no capítulo II (O caso do Chile e o caso de São Paulo) que antecederam e influenciaram o movimento do Rio de Janeiro.

Alguns dos autores que nos ajudam a pensar sobre “Juventude” e trazem importantes contribuições sobre o tema: Helena Abramo, Paul Singer, José Pais, Massimo Canevacci, Paulo Fraga.

Pensando a questão de como iniciaram os processos de mobilizações e ocupações no mundo iremos utilizar aportes de Henrique Carneiro, Giovanni Alves, Mike Davis, David Harvey, Noam Chomsky (de forma mais geral) e especificamente pensando ocupação de escolas brasileiras em São Paulo buscamos em Adriano Januário, Antonia Campos, Jonas Medeiros, Márcio Ribeiro e Pablo Ortellado, dentre outros.

Para tentar entender – um pouco – o que foi o processo de ocupação, o trabalho foi estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, abordaremos (alguns dos possíveis) conceitos de Juventude (neste capítulo buscamos trazer o conceito de Juventude tanto de pesquisadores teóricos, meus próprios pré-conceitos acerca de juventude, e a definição/representação de Juventude pela própria Juventude estudada).

Acreditamos ser importante registrar e abordar esses possíveis conceitos de Juventude pelos próprios jovens, já que foram os protagonistas principais deste movimento.

No segundo capítulo abordaremos brevemente a questão dos movimentos sociais contemporâneos que antecederam este, e que possuem características semelhantes, como por exemplo o ocuppy nos Estados Unidos, de forma um pouco

mais geral, e mais especificamente, ocupações estudantis; estudaremos os casos dos estudantes chilenos e paulistas que ocuparam suas escolas em momentos anteriores, fizeram cartilhas, compartilharam suas experiências e influenciaram objetiva e subjetivamente o movimento carioca.

No terceiro capítulo, abordaremos a questão da ocupação no Rio de Janeiro, com relatos e observações acerca de sua organização, proximidades e distâncias entre elas, trazendo o registro de suas dificuldades e conquistas.

No quarto capítulo abordaremos o possível legado das ocupações para os jovens, suas escolas e para a própria Educação, questões de autoridade, currículo e identidade juvenil.

1 **JUVENTUDE(S) E MOBILIZAÇÃO**

Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas de um jogo sujo
Não é assim que tem que ser?

Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então, vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis

Somos os filhos da revolução[...]
Somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola

Legião Urbana

Essa música da Legião Urbana, banda que eu e meus colegas cantávamos e admirávamos em nossa (suposta) juventude, há cerca de quinze anos atrás, que já era um tanto “antiga” na época (escrita na década de 80 por jovens para conceituar que tempo e que juventude era ou não aquela, pós-ditadura) nos parece, ainda hoje, um tanto atual.

Não pretendemos de forma alguma esgotar o tema ou falar especificamente de temas que permeiam a Juventude, como religião, sexualidade, família e trabalho, por exemplo. Todas essas instituições produzem sentidos e ajudam a formar identidades juvenis, plurais, no entanto estas são formadas para muito além da vivência nessas instituições sociais, mas também em suas subjetividades.

Neste capítulo iremos buscar nos aproximar da temática da Juventude, buscando seu plural, as Juventudes, na medida em que não podemos esquecer de que no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro e mesmo dentro de uma mesma escola, ou de uma mesma turma, há uma multiplicidade de “realidades” sociais e culturais que em muitos momentos se diferem, em outros se assemelham.

1.1 **A percepção inicial de Juventude (da pesquisadora)**

O tema desse estudo é o processo de ocupação que ocorreu nas escolas estaduais no estado do Rio de Janeiro no ano de 2016, realizada por jovens na faixa etária aproximada entre os quinze e os vinte anos, matriculados no Ensino Médio nas escolas estaduais. Por isso, antes de mais nada, acredito ser importante pensar quem é o personagem principal, o protagonista desse movimento de ocupação: os "Jovens".

Trabalho com jovens em uma escola de ensino médio técnica há apenas três anos e desde então muito tenho aprendido com eles. Ainda que de certa forma às vezes distante por não estar com os jovens em sala de aula diariamente, e outras vezes de forma muito próxima, diferente da sala de aula, onde na minha sala, da Orientação Educacional, muitas vezes eles recebem uma atenção mais próxima do que o professor que tem quarenta alunos é capaz de conseguir dar conta, e nos contam coisas que não contam ao professor, aos pais...

Nesses três anos trabalhando como orientadora estive ao mesmo tempo um tanto longe e um tanto perto dessa juventude que hoje estudo. Fico às vezes preocupada e envolvida em problemas pessoais dos alunos como violência doméstica, violência social, abuso e vício de drogas por parte dos familiares ou dos próprios alunos, inclusive jovens que mesmo antes dos dezoito anos, muitas vezes assumiram papéis de pais e mães, biológicos ou sociais (muitos cuidam dos irmãos menores).

Neste tempo de convivência tão próxima ao que chamam "Juventude", com certeza aprendemos muito com nossas trocas, mas seguramente eles muito me ensinaram...

Aprendi que muitas divergências, diferenças culturais e sociais, dentro de uma mesma escola ou de uma mesma sala, ao mesmo tempo muito os "separa" e ainda assim muito "os une". Aprendi que dentro de uma mesma escola, com o mesmo professor, há uma infinidade de realidades, algumas próximas outras bem distantes.

No início assustei-me um pouco com o comportamento do "Ensino Médio", tanto em relação a alunos quanto a professores: às vezes era parecido com o da Educação Infantil, e fui percebendo que tanto jovens quanto professores, mas principalmente os jovens, não são ouvidos pela escola e pela família, por isso, talvez

às vezes ajam de uma forma que nos parece um pouco mais agressiva, e às vezes o professor revida.

Um destes exemplos foi quando, certa vez, um professor estava em aula e um dos alunos estava com fones no ouvido, o professor pediu que o aluno os retirasse. Pediu mais uma vez e o aluno não obedeceu, até que o professor foi até o aluno e cortou seus fones. Mas a partir dessas situações, comecei a me interessar mais pela Juventude. Estaria algum deles “errado”?. Um externou ao outro o que estava sentindo, na verdade, talvez não da melhor forma possível, mas na forma que encontraram naquele momento.

Aos poucos fui buscando – e tenho buscado, na medida do possível – me aproximar mais dessa Juventude com a qual trabalho. A Orientação Educacional como um todo começou a buscar essa maior aproximação e contato com os jovens, que muitas vezes conhecemos em situações de conflito, extremas.

Somos “bombeiras”, que dificilmente conseguem realizar um trabalho realmente pedagógico, de conhecer, dialogar e discutir com esses jovens, que não conseguem fazer um trabalho de prevenção, presas ao trabalho administrativo.

Devo admitir que eu tinha uma ideia de Juventude como algo um pouco distante e ambígua. A mesma juventude que, por exemplo, no meu colégio parecia tão “inerte”, “parada”, que aceitava tudo que ocorria no colégio, quase tudo que falávamos, era a mesma a qual no dia em que fui tomar posse fazia um “protesto” por conta de problemas de notas, repasse destas, boletim, etc.

Ao mesmo tempo é impossível pensar na palavra Juventude e não se remeter à sua (própria) Juventude. Estudei em uma escola pública e ainda recordo da época do Ensino Médio, lembro bem dos debates entre os colegas de “direita” e “esquerda” no momento do recreio, os que apoiavam e os que não apoiavam as greves dos professores.

Impossível não me recordar de outra situação de minha Juventude, uma das primeiras “manifestações” (meio que ocupação também) da qual participei, na UERJ, “contra” os alunos de Engenharia, que deram seu trote nos calouros no andar da Pedagogia, urinando nos latões de lixo do andar da Pedagogia, fazendo os calouros deitarem na urina, soltando rojões em corredores estreitos e xingando quem reclamasse.

Entendemos, meus colegas e eu como um ato de total desrespeito. Conversamos entre nós e decidimos que algo precisava ser feito, porque de acordo

com alunos mais antigos, aquela não era a primeira vez. Acordamos uma data e fizemos uma “passeata” pelos andares, na qual fomos descendo as rampas e gritando por todos os andares na Universidade, entoando uma frase “queremos respeito e mais educação”.

A universidade naquele momento parou, em todos os andares havia gente parada nos olhando. Quando passamos no andar da Engenharia, fomos xingados, colocaram cadeiras para que não passássemos. Uma menina quase me agrediu fisicamente, porque eu estava logo na frente.

Continuamos e sentamos na reitoria até que um grupo fosse ouvido. Pediram para que saíssemos, e um pequeno grupo entrou para conversar com o reitor, que, na época, se não me engano, era da Engenharia, segundo um colega.

Não conseguimos muito, um (tímido) pedido (por escrito) de desculpas por parte do Grêmio de Engenharia, que afirmava não saber quem havia aplicado o trote. Mas fomos ouvidos de alguma forma.

Onde há Juventude, há vida, há luta, há mobilização, há tentativa de ser ouvido. Por isso, no inicio deste ano de 2016 um fato chamou minha atenção, devo dizer um pouco “de longe”: as ocupações das escolas e a juventude que deu voz – e corpo, e alma – a elas. Foi somente quando este “fenômeno” novo “atingiu” minha escola é que comecei a me interessar e aproximar do tema.

1.2 O(s) Conceito de Juventude(s)

Neste subcapítulo abordaremos a questão da Juventude e algumas de suas (possíveis) conceituações, teóricas e práticas. Na verdade este é um conceito novo, e nem sempre esse “período da vida” foi exatamente delimitado, ou teve suas especificidades, foi estudado, caracterizado.

Hoje, por exemplo, assim que uma pessoa nasce, na maioria das sociedades, é logo atribuído e registrado seu nome, seu sobrenome e sua data de nascimento, mas nem sempre foi assim.

Houve momentos na história das sociedades ocidentais nos quais apenas o primeiro nome bastava para designar uma pessoa, momentos nos quais não havia essa preocupação com registro civil, nome, sobrenome, data de nascimento, ela

deu-se a partir da Idade Média. Nas palavras de Aries:

> As idades da vida ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida [...] Hoje em dia não temos mais ideia da importância da noção de idade nas antigas representações do mundo (ARIES, 1981, p. 4)

A noção de idade e de fases da vida, durante a Idade Média, por exemplo, era um tanto quanto confusa (em relação aos conceitos da atualidade). Em alguns textos, por exemplo, falava-se em infância até os quatorze anos, em crianças até quinze ou vinte e cinco anos e em adolescentes até quarenta e cinco anos (ARIES, 1981).

Ou seja, a noção de Infância, Juventude, Adolescência, de “idades da vida” é uma noção relativamente “nova”, que começou timidamente a ser observada, discutida e delineada a partir dos anos 1900:

> A Juventude torna-se então uma preocupação dos moralistas e dos políticos. Começou-se a desejar saber seriamente o que pensava a juventude, e surgiram pesquisas sobre ela [...] A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada [...] A consciência da Juventude tornou-se um fenômeno geral e banal após a guerra de 1914. (ARIES, 1981, p. 14)

No Brasil não era diferente. Podemos observar, até mesmo na literatura brasileira, como por exemplo nesta crônica de Nelson Rodrigues intitulada “Só os idiotas respeitam Shakespeare” claramente essa desvalorização da Juventude:

> Em primeiro lugar, cabe a seguinte observação: — o Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos. Os moços não tinham função, nem destino. A época não suportava a mocidade [...] As Novas Gerações não imaginam o que era, em 1919, 20, a pele do brasileiro. Hoje, desapareceram as espinhas. Há uns vinte anos que não vejo, na cara de ninguém, uma única e escassa espinha (RODRIGUES, 1993, p. 143)

Essa ideia inicial de distinção era um esboço. “Em termos sociológicos a faixa etária chamada jovem é recente. Nasce, a grosso modo, nos anos 1950” (CANEVACCI, 2005, p.20).

Quando buscamos outra noção mais atualizada de Juventude nos deparamos com algumas singularidades e algumas contradições, no entanto, muitos autores consideram a faixa etária aproximada que Paul Singer (e grande parte dos autores)

utiliza:

> Compõem a juventude pessoas que estão na mesma faixa etária, digamos dos 16 aos 24 anos [...] Em função do momento histórico em que nasceram, elas estão fadadas a passar a vida juntas, atravessando as mesmas vicissitudes políticas e econômicas. (SINGER, 2011, p. 27)

Outro autor que aborda o tema da Juventude é o autor português José Pais. Ele nos fala que a juventude é um objeto de estudo pré-construído, que precisa ser destruído para ser reconstruído (PAIS, 1990, p. 139), e que é socialmente construído, manipulado.

A ideia que se tem de juventude ainda é – erroneamente – considerada como um conceito unitário, como se todos os jovens, de diversas culturas, países, realidades externas e internas fossem todos iguais (pensassem iguais, vestissem da mesma forma, quisessem as mesmas coisas, etc.).

Nas palavras de PAIS “nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária” (PAIS, 1990, p. 140). Ainda segundo o autor, é preciso atentar para as diferenças sociais e culturais entre eles (de classe, gênero e ideologia, por exemplo).

Pais ainda relata que, dentro da própria sociologia da Juventude, há uma dicotomia em relação a Juventude, caracterizada por um grupo de sociólogos que define “Juventude” como “igual” e outro grupo de sociólogos que as caracteriza como distinto (uma parte acredita na “cultura juvenil”, como se os jovens vivessem um processo igualitário, como se os jovens todos se vestissem, pensassem e agissem da mesma forma; e há outra vertente que acredita na diferença entre eles). (PAIS, 1990)

Outros autores que reforçam essa ideia são FRAGA e IULIANELLI: “A juventude não é homogênea” (2003, p. 11). Ainda ressaltam que ao falar de Juventude, é preciso que pensemos (assim como relata PAIS) em questões que permeiam a Juventude, como condição social, gênero, raça, etnia, que são diferentes entre os grupos e portanto, formam uma multiplicidade de identidades juvenis que não podem ser “colocadas na mesma gaveta”.

Alguns fatores na medida em que perpassam por diferentes países ainda poderiam caracterizar a juventude de forma um pouco “unitária”, como por exemplo, os problemas por ela enfrentados (desemprego, violência), caracterizando-a através de uma certa “marginalidade”, sendo colocada muitas vezes como Imagem dos problemas sociais (PAIS, 1990; FRAGA e IULIANELLI, 2003).

Podemos perceber essa “marginalização” quando vemos por exemplo a maioria das políticas públicas relacionadas à Juventude, relatando mortes violentas, prevenção da violência, ou seja, ligada a esse problema social maior que afeta e é afetado pela Juventude, como se essa fosse, ao mesmo tempo, produto e produtora dessa “violência” (FRAGA e IULIANELLI, 2003). Entretanto, essa “marginalização” do jovem foi o que gerou certa visibilidade e políticas públicas voltadas para essa “categoria social” (CALIARI, 2009).

O jovem foi, portanto, socialmente construído, assim como seus “estereótipos” como relata Bourdieu (1983) ou “estigmas” como define Fraga e Iulianelli (2003), a Juventude consegue criar formas de luta e resistência, se desvinculando da Imagem midiática/ social que prevalece do que é “ser Jovem”.

É importante, principalmente para os profissionais que trabalham com jovens pensar sobre essas questões porque esses tempos de globalização e neoliberalismo: “Impõem uma forma eficaz de definir modelos de ser, de estar e de existir” (FRAGA e IULIANELLI, 2003, p. 35).

É preciso estar atento para evitar a reprodução de definições limitadoras que aprisionam – a já prisioneira, ou as já prisioneiras – Juventudes.

Especificamente no Brasil, as Juventudes começam a ser “defendidas” através de legislação, apenas a partir da década de 1990, quando são criados programas e leis como o Estatuto da Criança e do Adolescente (governo Fernando Collor), o Programa Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano (no governo FHC) e o Pro Jovem (governo Lula).

Pensamos então que o conceito de Juventude tem se modificado através do tempo, de uma certa “desvalorização”, passando por uma ideia homogeneizante de Juventude, até mesmo uma certa idolatria. Tem se tornado cada vez menos objetivo e cada vez mais subjetivo.

Será que ser jovem é pertencer à faixa etária dos 16 aos 24 anos? Mas em alguns países essa faixa se estende até os 29 ou 35 anos (ABRAMO, 2004). É a fase de maturação biológica? É a fase de dependência econômica da família/ transição para a vida adulta? Mas cada vez mais os jovens adultos – e a sociedade em geral – possuem novos arranjos familiares, nos quais os casais moram com seus pais, ou levam mais tempo para sair de casa, estudam durante um tempo maior.

A Juventude tem se tornado “interminável”, como diria Canevacci, ou tem sido “ampliada” num sentido cada vez mais fluido, líquido, complexo, assim como nossa

sociedade:

“Não existe mais aquele tempo histórico como momento certo no qual se passa de status: esse tempo se pluraliza e se dilata sem limites que não sejam as auto percepções” (CANEVACCI, 2005, p. 30).

Pensamos então, a partir das ideias acima, na percepção de Juventude como categoria e como não categoria, ou com uma certa unidade se pensarmos em fase da vida e diversidade se pensarmos nas questões social, racial, étnica, cultural. Existem (e resistem) Juventudes e diferentes formas de conceituá-las. Na verdade:

> Juventude é desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer [...] Afinal todos nós somos ou fomos jovens [...] No entanto quando se busca precisar um pouco mais o próprio termo, as dificuldades aparecem [...] Há muitos ângulos pelos quais se pode abordar o tema.” (ABRAMO, 2011, p. 37).

É preciso pensar a Juventude para além de sua construção social. Ela é até mesmo um pouco relativa, como diria Bourdieu “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p. 113).

1.3 **“Juventude” e “ocupação” por ela mesma**

Embora os autores estudados acima sejam de extrema relevância, acreditamos também que os sujeitos dessa pesquisa – os jovens de ocupações – e suas próprias concepções de Juventude são também de extrema relevância, para ampliar os seus significados.

Foi perguntado individualmente (sem que os outros vissem ou ouvissem) a alguns dos jovens entrevistados (que iniciaram e concluíram a entrevista) nas ocupações, o que eles pensam que seja Juventude, quais as três palavras que vêm à sua cabeça quando pensam em Juventude (que “definiriam” ou se aproximassem de uma definição para eles). O resultado pode ser observado no quadro da próxima página.

Podemos observar que os “ocupas”, ainda que numa mesma “faixa etária”, considerada “Juventude”, ainda que em situação parecida (em uma ocupação), têm suas singularidades.

No entanto, algumas ideias – ou mesmo palavras – se repetem, possuem um sentido aproximado ou se entrecruzam com a própria ideia de ocupação (algumas palavras para determinado jovem simbolizam e/ou definem juventude e para outro jovem essa palavra caracteriza ocupação), ou uma mesma palavra para um jovem de uma ocupação caracteriza juventude e ocupação ao mesmo tempo, ou seja, essas ideias estão inter-relacionadas para eles.

As palavras União, Organização, Resistência, Esforço, Ousadia/audácia (estas últimas que são palavras diferentes mas com sentido próximo) foram utilizadas por mais de um jovem para definir "Ocupação", sendo que para um dos jovens "Ousadia" poderia ser utilizada para ambas "definições".

A palavra mais repetida para os jovens para definir Juventude, foi Futuro, utilizada por 3 jovens de diferentes escolas. As palavras Esperança, Força/Forte, Revolução/revolucionária também foram repetidas por diferentes jovens.

A palavra "luta" foi a mais utilizada, por metade dos entrevistados (6), sendo em 5 destes utilizada para caracterizar ocupação e por um deles para caracterizar Juventude.

Um fato interessante é que todos os alunos (algumas vezes que nem se conheciam), em momentos diferentes, utilizaram sentidos ou palavras semelhantes mostrando o sentido que esses conceitos assumem, que são compartilhados por eles, sem "combinação", numa espécie de sentimento/ representação social.

Quadro 1 – 3 palavras que definem Juventude e Ocupação (Continua)

3 palavras que	Juventude	Ocupação
Escola 1 aluno 1	Esperaça Alvorada Luta	União Organização Resistência
Escola 1 aluno 2	Revolução Criatividae Rebeldia	Organização Coletividade Combatividae
Escola 2 aluna 1	Experiências Aprendizagem Futuro	Luta Socialização Família
Escola 2 aluno 2	Descobertas Diversão Animação	Necessidade Direitos Esforço

Quadro 1 – 3 palavras que definem Juventude e Ocupação (Continuação)

Escola 3 aluna 1	Atitude Conscientização Aproveitar	Luta Resistir Aprendizagem
Escola 3 aluno 2	Decisões Rapidez Futuro	Luta Esforço Vitória
Escola 4 aluno 1	Crítica Inovadora Batalhadores	Difícil Revolução Militância
Escola 4 aluno 2	Revolução Inteligente Força de vontade	Resistência Companheirismo Luta
Escola 5 aluno 1	Força Esperça **Ousadia**	União Amadurecimento **Ousadia**
Escola 5 aluno 2	Aproveitar oportunidades Empenho Liberdade	Luta Experiência Possível Conquista
Escola 6 aluna 1	Revolucionária Sujeito de direito Forte	Cidadania Aprendizado Objeto de conhecimento
Escola 6 aluno 2	Vida Futuro Sonho	**Audácia** Justiça Importância

Fonte: A autora, 2016.

Ou seja todos eles têm alguma palavra ou sentido repetido/compartilhado por algum outro jovem, de uma mesma escola ou outra que sequer conhece este outro jovem. Todos falaram alguma palavra que foi repetida por outro.

As percepções sobre Juventude, ainda que de jovens em uma situação similar (ocupação de escola estadual) são diferentes. A aluna 1 da escola 2, que citou aprendizagem e experiências como expressões que definiriam Juventude, falou sobre a possiblidade de aprender muito na Juventude. E de errar.

Já a aluna 1 da escola 3, que citou atitude pra Juventude, relatou na entrevista que não acredita que ser jovem é “ter de 15 a 18 anos”, disse que é muito mais do que idade, disse que há jovens de 40 e 50 anos, que a atitude e os

pensamentos da pessoa é o que a tornam jovem.

Percebemos então a partir da tabela acima que as concepções juvenis sobre Juventude são similares, assim como as percepções sobre ocupação, mas apesar de similares, não são engessadas e inclusive algumas vezes se entrelaçam ou se confundem. Ocupar será um movimento jovem? Faz parte da Juventude para esse jovem?

2 #OCUPAMUNDO

É a angústia do desencanto que nos une

(SAFATLE, 2012, p. 51)

O professor Júlio Furtado no Jornal O DIA de 28/05/16 em seu artigo sobre as escolas ocupadas faz uma reflexão acerca do tema que acredito ser relevante:

> Chamou-me especial atenção a expressão ‘ocupar as escolas. Só se ocupa o que está vazio. O verbo ocupar significa habitar, tomar posse. A escola está desabitada, e os alunos não se sentem donos dela, não se sentem ocupando-a no sentido literal da palavra [...] É preciso ocupá-la em todas as dimensões. (FURTADO, JORNAL O DIA, p. 12)

Ocorre no mundo uma transformação da participação política popular. O que move e motiva essa “multidão” são obviamente, racionalizações, mas também sentimentos, subjetividades, que aliadas, percebem que há algo errado não no individual, mas sobretudo no social no qual formam e são formados (SAFATLE, 2012).

As crises (social, de representatividade, da democracia, econômica) têm levado muitas pessoas, em diversos países, independente de partidos políticos, a questionar e debater outras formas possíveis de participação, mobilização e organização social, diferente daquelas por exemplo pós ditadura, anos 80, com forte influência sindical em muitas destas mobilizações.

David Harvey traz uma fala de um “ocupa” que “explica” o motivo das ocupações em wall street (e não apenas ela, como também reivindicações e mobilizações diversas que tenham como característica/ forma de protesto as ocupações):

> Somos os 99%. Somos a maioria e essa maioria pode, deve e vai prevalecer. Uma vez que todos os outros canais de expressão estão fechados para nós [...] não temos outra opção a não ser ocupar os parques, praças e ruas de nossas cidades até que nossas opiniões sejam ouvidas e nossas necessidades atendidas (HARVEY, 2012, p. 61).

São diversos os movimentos de ocupação que vemos pelo mundo e pelo próprio Brasil. As mobilizações “#ocupa” são, acima de tudo, políticas, e ainda que perpassem vários setores da sociedade, tais como: saúde, cultura, educação (#ocupaSUS, #ocupaMinc, #ocupaescola), cada um deles com suas especificidades

de reivindicações, têm uma maneira parecida, e talvez um objetivo em comum: o de “denúncia” e o de “ser ouvido”.

Nesse trabalho iremos buscar uma aproximação com o movimento #ocupaescola, mas antes iremos abordar brevemente os movimentos pelo mundo que antecederam as ocupações no Rio de Janeiro.

Após estudarmos um pouco sobre Juventude e seus possíveis conceitos, vamos abordar um pouco a questão das ocupações. É relevante ressaltar que o processo de ocupação sucede e é, em sua essência, político, estando entrelaçado com outros movimentos de protesto, que ocorreram e o antecederam em diversos países, não apenas na América Latina:

2.1 **Movimentos sociais recentes e as ocupações como protesto no mundo**

Primavera árabe, Indignados na Espanha, Ocuppy nos Estados Unidos, ‘Revolución Pinguina’ no Chile, Movimento estudantil de ocupação em São Paulo. O que teriam em comum?

Em muitos dos movimentos sociais recentes há uma forma característica semelhante: a de ocupar espaços públicos com seus corpos (reais e virtuais) num movimentos de protesto presente em diversas partes do mundo, no Norte e Sul. África, Europa, América do Norte e América do Sul. Qual a influência que os primeiros destes tiveram nos seguintes, o que têm em comum?

Em Janeiro de 2011 eclode na África a primeira manifestação de massa no Cairo (Egito), movimento este que consegue derrubar a ditadura de Ben Ali. Em Maio do mesmo ano, os Indignados da Espanha ocupam as principais praças numa busca pela volta da representatividade política.

Em setembro do mesmo ano (2011) nos Estados Unidos o movimento “ocuppy wall street” ocupa espaços públicos nas praças em forma de protesto contra a desigualdade econômica (CASTELLS, 2013).

Um dos fatores/características relevantes para o estudo de ocupações é o fato de que foram ocorrendo quase simultaneamente:

> No ano de 2011 ocorreu um fenômeno que há muito não se via: uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto com

> reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de luta muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua (CARNEIRO, p. 7, 2012).

Essa característica de universalização de movimentos de protesto foi observada em diversos países, como foi o caso da Primavera árabe (que ocorreu em vários países africanos como Egito, Tunísia, Líbia dentre outros, e ajudou a derrubar longas ditaduras), na Europa (Espanha, Portugal, Grécia, Inglaterra com greves e alguns casos de ocupações), estando presente também na América (EUA, com o ocuppy wall street) e no Chile, por exemplo.

Uma crítica que muitos fazem a esses movimentos é a de certa "falta de clareza" de seus objetivos. A população ou "multidão" como chama John Berger (apud Zizek, 2012) está insatisfeita, vê seus direitos sociais sendo retirados, dia após dia e vai se mobilizando, muitas vezes sem necessariamente saber "o que quer", mas num sentido de saber exatamente o que não quer, mas que no entanto esses movimentos, devem buscar cada vez mais também o PORQUE e não apenas o PARA QUE (CARNEIRO; ZIZEK, 2012). Zizek nos exemplifica quando fala do movimento occupy nos Estados Unidos:

"Os intelectuais não devem tomar as reivindicações como questões para as quais precisam produzir respostas claras e programas sobre o que fazer. Elas são as respostas, e os intelectuais deveriam propor as questões para elas" (ZIZEK, 2012, p. 25)

Outros autores que falam da importância de ter paciência em relação aos novos movimentos sociais são SAFATLE, ALVES e DAVIS. Para o primeiro, estes movimentos precisam de um tempo de maturação, ressaltando ainda que sempre há uma demora para transformar um "Não acreditamos mais" em um "Agora sabemos o que queremos" (SAFATLE, 2012, p.52).

Alves (2012) também reafirma essa ideia: "Talvez falte-lhes clareza do próximo passo" (ALVES, 2012, p. 36). Mike Davis relata "O movimento Occupy the World ainda procura seus óculos mágicos (programas, demandas, estratégias e assim por diante)" (DAVIS, 2012, p. 40).

No entanto, ainda que haja certa falta de clareza nestes movimentos, há uma grande capacidade de mobilizar e "se espalhar", e este movimento possui ainda uma característica apartidária:

"Em todos os casos (África, Europa e América) os movimentos ignoraram

partidos políticos, desconfiaram da mídia, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram toda organização formal" (CASTELLS, 2012, p. 13).

Quais seriam as motivações para os atos de mobilização/ protesto? O mesmo autor citado acima fala que muitas são as motivações, mas que dentre os sentimentos básicos humanos (medo, aversão, surpresa, tristeza, felicidade, raiva), o medo e a raiva são os propulsores que levam as pessoas a construírem mudanças sociais (CASTELLS, 2013).

Portanto se um governo utilizar-se se medidas que levem uma boa parcela da população a estes sentimentos, é bem provável que em determinado momento haja protestos contra o que lhes causou medo e raiva. Em 2011, com a grave crise nos Estados Unidos, Chomsky nos fala da importância da participação popular:

"Você não alcança iniciativas significantes sem uma grande e ativa base popular. É necessário que as pessoas entendam sobre o que é o movimento occupy – e o que elas mesmas possam fazer, e as consequências de não fazer nada" (CHOMSKY, 2011, p. 4.).

No Brasil vivenciamos essa participação/ indignação massiva popular não em 2011, mas um pouco mais a frente, no ano de 2013. Pablo Ortellado intitula seu artigo sobre as ocupações das escolas paulistas como "A primeira flor de Junho", demonstrando a relevância desse movimento na sociedade brasileira, correlacionando-o a alguns de seus futuros "frutos" ou "desabrochar": as ocupações secundaristas. No próximo subtópico iremos abordar brevemente a questão de Junho de 2013.

2.2 **A "flor de Junho": O "gigante" acorda**

Embora o tema deste trabalho seja o movimento estudantil de ocupação, é preciso relembrar que ele é parte de um contexto mais complexo e maior de "ondas" de protesto antecedentes no Brasil e no mundo.

Em Junho de 2013 o Brasil viu e viveu processos de indignação, protestos e ocupações coletivas similares aos que ocorrem na África, na Europa, nos Estados Unidos e em diversas outras localidades...

Protestos pelo Passe Livre dos estudantes, contra os gastos da Copa do Mundo que ocorreria em 2014, e também contra o aumento das passagens de

ônibus (transporte público). O que ficou conhecida e teve um apelo grande no Sudeste como a “Revolta dos 20 centavos”:

> Aconteceu também no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente. Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais [...] por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades (CASTELLS, 2013, p. 182)

Os manifestantes realizavam marchas, e mesmo ocupação de vias e espaços públicos, como por exemplo em São Paulo a avenida paulista, no Rio de Janeiro a região do centro e em Brasília o congresso nacional.

Muitos desses jovens ocupas de escolas, brasileiros, viveram e participaram também dos protestos de Junho de 2013. Podemos correlacionar ocupação como um dos desdobramentos dos protestos que ocorrem no Brasil em Junho de 2013. São herdeiros, ou como afirma Ortellado (2016, p. 15): “O movimento dos estudantes secundaristas pode ser visto como a primeira flor de Junho, o primeiro desdobramento pleno dos protestos de 2013”.

O mesmo autor afirma ainda que “as manifestações de 2013 tiveram basicamente dois tipos de reinvindicações: uma crítica da representação, decorrente da crise de legitimidade do sistema político e a defesa dos direitos sociais, principalmente educação, saúde e transporte” (2016, Ortellado, p. 15). Segundo ele, os secundaristas conseguiram unir as duas reivindicações (legitimidade e defesa dos direitos).

Assim como em outros países, foram movimentos com diversos sujeitos envolvidos: “de partidarismo, apartidarismo e antipartidarismo, cujas explicitações se reproduziram nas redes sociais” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 419), e isso tem relação também com a história do próprio país, antagônica:

“Como somos herdeiros, no Brasil, tanto de tradições políticas conservadoras, elitistas, como de outras mais progressistas ou emancipatórias, isso se refletiu também na diversidade de protestos nas manifestações de Junho” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 419)

Outra característica semelhante ao movimento de protestos em outros países e no próprio Brasil, é uma nova ferramenta de protesto e de catalização de protestantes: o uso do ciberespaço, o qual abordaremos um pouco mais quanto à sua relevância no próximo capítulo. E essa característica da cibercultura, acaba por

conquistar também (mas não apenas) usuários recorrentes deste “novo” meio de comunicação: os jovens.

A mesma autora citada acima destaca ainda que a juventude é idealista e que muitas vezes luta para mudar a política e seus rumos, como por exemplo em 1968, na época da ditadura militar, Diretas Já, na época dos Caras Pintadas...

Hoje a Juventude tem uma forma diferenciada e poderosa de organização: a internet e as mídias sociais que ela proporciona: “Os jovens vêm se manifestando cada vez mais pelas redes sociais, na internet, usando o suporte das novas tecnologias para se organizar.” (SCHERER-WARREN, 2014, p. 420).

Essa característica de utilização das mídias sociais para organização, mobilização e convocação de protestos, em ruas, praças públicas, por exclusão de direitos ou prejuízos a um determinado – ou a vários grupos, foi percebida nos movimentos “ocupa” pelo mundo, e também no nosso “Junho de 2013”, e consequentemente nos de ocupação escolares também.

Foi observado na pesquisa que, por exemplo nas ocupações estudantis (que abordaremos no próximo capítulo), todas as ocupações tinham sua página no facebook, na qual eram divulgadas atividades, cronogramas semanais, debatidas questões, e mesmo pedidos de comida e/ou de “socorro”, como em uma escola com a qual não conseguimos contato pessoal e entrevista, que funciona em parceria com uma empresa privada e que proibiu pais e outros de entrarem, assim como proibiu os próprios alunos de circularem por alguns de seus espaços, como o refeitório da própria escola.

Em alguns dias, pediam lanches e comida pronta, e ajuda de advogados por sua página no facebook, para, por exemplo, deixar outras pessoas como pais por exemplo, entrarem no espaço escolar, ou mesmo que os jovens pudessem utilizar seu espaço de refeitório.

As atividades de ocupação oferecidas eram realizadas com os jovens da seguinte forma: eles do lado de dentro da escola, numa espécie de pátio e a pessoa que oferecia a atividade proposta, do lado de fora, na calçada da rua, mas a troca de olhares, vozes e pensamentos, que a barreira física da grade – e da empresa “parceira” da escola – não permitiam, a juventude que ocupava essa também escola de “excelência” atravessava a grade e ia parar na rua, onde pessoas que passavam paravam para ver e ouvir o que estava acontecendo, as aulas e debates.

Infelizmente não consegui conversar pessoalmente com essa escola, devido

ao fato de, no dia em que marquei para visitá-los e conversar – ainda que do lado de fora, estavam já com uma atividade programada em andamento.

Esses movimentos de ocupação, com características de resistência ativa, desobediência civil, numa tentativa de convivência democrática, numa busca pela representação perdida (ou deslocada) são “herdeiros de Junho de 2013”, segundo Pablo Ortellado, professor da USP (no documentário “Acabou a paz, isto aqui vai virar o Chile”).

Ortellado diz (ainda no documentário acima citado) que esses movimentos de ocupação são herdeiros dos movimentos de 2013 na medida em que eles trouxeram de volta a questão da desobediência civil e da ação direta.

Segundo o mesmo autor, no final dos anos 80 os protestos de rua tinham sido abandonados e Junho de 2013 fez com que as pessoas – e os estudantes – fossem às ruas novamente e houvesse para a maioria da população urbana, uma redução do aumento passagens. Boa parte dos jovens que ocuparam suas escolas, seja em São Paulo, seja no Rio de Janeiro, participaram das manifestações e protestos de Junho de 2013.

Entretanto, ainda que, com personagens e setores diversos:

> Pode-se observar que, apesar de antagonismos oriundos de posicionamento políticos muito diferenciados, uma unidade, ainda que mais subjetiva do que pragmática, foi se construindo no desenrolar das manifestações de 2013, em torno do desejo de promover modificações no campo institucional da política e buscar caminhos para a ampliação no campo dos direitos humanos, ouvindo-se as vozes da cidadania.
>
> (SCHERER-WARREN, 2014, p. 427)

Um pouco depois de outros países, o Brasil também viveu seu processo de indignação coletiva social com a conjuntura política, afinal não era apenas os 20 centavos, era também por direitos e políticas sociais.

2.3 **Chile e a Revolução dos Pinguins**

No ano passado (2016) o Chile completou dez anos da “revolución pinguina” (A Revolução dos Pinguins tem esse nome em decorrência dos Pinguins, como são chamados os estudantes chilenos, devido ao uniforme, todo branco e com uma gravatinha azul no pescoço).

Foi uma mobilização dos estudantes secundaristas que ocorreu em 2006 e acabou por influenciar também os movimentos de resistência dos estudantes brasileiros (e de outros países).

Este movimento secundarista chileno que ocorreu em 2006 “denunciou um conjunto de problemas de grande relevância para a maioria dos estudantes e suas famílias, como municipalização, lucro e qualidade da educação pública” (DONOSO-DIAZ, p. 150).

Para mensurar a dimensão da questão chilena, cerca de metade das “escolas de educação básica, mesmo recebendo subsídios do estado, têm autorização para cobrar mensalidades das famílias”. (García-Huidobro, educador chileno em entrevista a Revista Carta Capital).

Através do documentário de Carlos Pronzato “A Revolta dos Pinguins”, podemos perceber um pouco melhor como foi essa mobilização, que, ainda que tivesse demandas diferentes das futuras sucessoras ocupações brasileiras, teve um desenvolvimento bem parecido:

Em Maio de 2006 o Chile presenciou o surgimento do movimento de estudantes secundaristas, que contou com a participação de 1 milhão de estudantes mobilizados. A demanda inicial dos estudantes era pela exigência do Passe Escolar.

Os estudantes faziam protestos, e como o governo e o ministro da Educação ignoraram o movimento, este acabou se fortalecendo até que os estudantes começam a se mobilizar, fazer assembleias nos colégios, sem contudo receber atenção ou diálogo por parte do governo ou do ministro da Educação, Martín Zilic.

Quando as mobilizações já estavam tomando grandes proporções, o ministro decidiu receber os estudantes, mas estes não quiseram fazê-lo, o que acabou levando a presidente Michelle Bachelet a afastar Zilic do cargo de ministro.

Os “Pinguins” acabam decidindo pela ocupação (eles utilizam o verbo “tomar” ou a expressão “en toma” para definir “ocupar” ou “ocupação”) de 90% do colégios do país (segundo uma das lideranças do movimento estudantil entrevistada no documentário). Tomam esta decisão motivados também pela mobilização para derrubada da lei que rege a educação no Chile (LOCE) .

A LOCE (Ley Organica Constitucional de Enseñanza ou Lei Organica Constitucional de Ensino) foi uma lei promulgada pelo ditador Pinochet no último dia de seu mandato em 1990.

Gustavo Mendes do Colegio de professores*, fala sobre a LOCE, ressaltando o quanto ela é prejudicial. ('O Colegio de Profesores' é uma Organização Chilena, um tipo de Sindicato criado em 1974 com mais de 100 mil afiliados, que tem como objetivo negociar e lutar por melhores condições trabalhistas dos professores. Informações retiradas no site da Instituição: http://www.colegiodeprofesores.cl em 29/10/16).

Essa lei, segundo Gustavo Mendes (cuja entrevista se encontra no documentário) é uma tentativa de privatização da Educação chilena, na qual o Estado reduz os recursos públicos para a educação e incentiva a privatização.

As mobilizações secundaristas chilenas buscavam além do passe livre, o término dessa lei, a gratuidade da prova de Seleção Universitária dentre outras reivindicações, que segundo os estudantes, poderiam construir uma educação mais igualitária e melhor.

O movimento é violentamente reprimido pela força policial, e como diz uma das jovens "ocupas" chilenas no documentário, no inicio a mídia também estava "contra eles", mostrando fotos e situações em que os estudantes agrediam os policiais, segundo ela, sem mostrar o que talvez tivesse ocorrido anteriormente (o policial agredindo o jovem).

No entanto, um dia um policial quebrou a câmera de um jornalista e a partir de então, os jornalistas passam a mostrar a outra "parte" (os alunos sendo agredidos pela polícia).

Nas ocupações, as decisões dos jovens eram tomadas com base em discussões em conjunto (assembleias) e a mobilização era "postada" a cada ato na internet. Ou seja, assim como nos outros movimentos sociais contemporâneos, a internet teve importante papel.

O documentarista Javier Bertin relata a organização e disciplina por parte dos estudantes. O apoio do país (de grande parte da população) foi tão grande e ganhou tanta visibilidade que até mesmo outros setores uniram suas "lutas" às dos estudantes, como por exemplo os profissionais da saúde, operários e estudantes universitários.

Houve esse apoio e união de diferentes grupos como universidades, professores, colégios privados, sem necessariamente compartilhar de uma legenda partidária (pessoas de esquerda, centro e direita).

Entre as conquistas do movimento chileno estão o passe livre escolar e a inscrição gratuita no Programa de Seleção Universitária (nosso “vestibular/enem”). Uma das porta-vozes diz que embora o objetivo principal do movimento fosse derrubar a LOCE, e “o movimento de 2006 consegue a substituição da LOCE pela LGE (2009) cristalizado três anos depois de seu início” (DONOSO-DIAZ, p. 155). ele também conseguiu algumas vitórias “pequenas” nos primeiros momentos e outras foram sendo conquistadas com o tempo, numa luta gradual.

A LGE (Ley General de Educacion) foi uma lei promulgada em 2009 no governo de Michele Bachellet, que substitiu a antiga lei de regência da educação chilena, LOCE, da época do governo de Pinochet. A LGE busca uma tentativa de assegurar uma maior qualidade da educação.

Um dos exemplos de diferença entre as duas é que a LOCE fazia referência apenas à Educação ao nível básico, médio e superior. Já a LOCE inclui por exemplo, a educação de jovens e adultos e ensino técnico.

Os estudantes entrevistados no documentário dizem que a luta chilena ainda não terminou. Um outro rapaz diz que uma das maiores conquistas foi o fato de ver outros setores da sociedade chilena se mobilizando por suas próprias questões.

Uma das entrevistadas do documentário sobre a ocupação no Chile fala sobre essa influência em outros países, quando afirma que o movimento dos Pinguins causou um “efeito dominó” em outros países da América Latina.

Esses países, depois de verem as mobilizações no Chile também observaram e iniciaram suas próprias discussões sobre os problemas da educação e demandas específicas de cada um deles, como Uruguai, Argentina, Colômbia, Venezuela, e inclusive o Brasil, o qual abordaremos no próximo subtópico relatando um pouco do movimento de São Paulo; e no capítulo III o movimento do Rio de Janeiro.

A ocupação das escolas chilenas teve seu êxito e mostrou aos estudantes latino-americanos a força que podem ter. Foram exemplo para outras mobilizações estudantis, no próprio Chile, inclusive para mobilizações estudantis posteriores universitárias e para outros países, como por exemplo o Brasil.

As escolas paulistas (e posteriormente as fluminenses) seguiram cartilhas argentinas e chlilenas de ocupação, com uma organização específica: primeiro, a realização de assembleias, decisão pela ocupação, depois organização em comissões (segurança, limpeza, etc.), organização de atividades e também, a

questão da publicidade (ou da divulgação nas mídias sociais).

Abordamos um pouco do caso das ocupações no Chile pois influenciou os movimentos que o sucederam, no Brasil, em São Paulo e no Rio de Janeiro, como veremos a seguir:

2.4 **O movimento Secundarista de São Paulo**

Acordei, olhei pro lado,
vi manifestação
E do outro lado vi
uma pá de ocupação [...]
Aqui vai virar o Chile
ou o Chile virou o Brasil?
Só pra deixar bem claro, irmão:
Não tem arrego
Você fecha a minha escola
e eu tiro o seu sossego.
Ocupar e resistir,
ocupar e resistir,
ocupar e resistir.

Koka e Fabricio Ramos, secundaristas de São Paulo

Acreditamos ser importante abordar brevemente também o caso de São Paulo pois antecedeu (e influenciou) o caso do Rio de Janeiro. No final do ano de 2015 cerca de 200 escolas da rede estadual de São Paulo foram ocupadas.

O movimento de São Paulo, com motivações e peculiaridades um tanto quanto diferentes do caso do Rio de Janeiro, buscou reivindicar principalmente a não “reestruturação escolar” que o governo iria fazer, na qual seriam fechadas e reorganizadas diversas escolas (JANUÁRIO, 2016).

Os alunos paulistas tiveram um “caminho” parecido com o dos chilenos (e com o dos fluminenses), no entanto, em São Paulo, mais especificamente, a mobilização estudantil ocorreu por conta de uma “reestruturação” que o governo de

Geraldo Alckmin planejava implementar.

“Essa decisão visava à divisão das escolas segundo ciclos, isto é, cada escola seria sede de apenas um dos ciclos que compõem a estrutura do ensino em escolas públicas.” (JANUÁRIO et al, 2016, p. 2).

Essa medida, que atingiria cerca de 300 mil alunos (JANUÁRIO et al, 2016), segundo o governo, era por conta da diminuição de matrículas, da demanda por tal segmento de ensino em uma determinada unidade escolar, o que ia ocasionar fechamento de centenas de escolas e prejudicar milhares de alunos, que teriam de estudar longe de suas casas, por exemplo.

Foi agendado um dia chamado de dia E (de Educação), no qual “todos teriam a oportunidade de entender o novo processo de reorganização” (JANUÁRIO et al, 2016, p. 3).

Ou seja, o projeto foi colocado como se houvesse uma (suposta) participação da comunidade escolar, porque teriam a oportunidade de participar, de ouvir para “entender”, como se já não houvessem entendido o que estava acontecendo e tivessem o direito de não aceitar.

O governo queria que fosse aceita sua decisão, os estudantes queriam o direito de serem ouvidos e de discordar, já que traria tantos prejuízos para muitos moradores, alunos e pais, afetando suas vidas diretamente. Não houve um debate real.

Assim como os “pinguins” chilenos, os estudantes paulistas começaram a fazer seus protestos em ruas, que duraram cerca de um mês e meio (JANUÁRIO et al, 2016).

No entanto, não houve tentativa de negociação por parte do governo. Foi então que em uma assembleia conjunta entre várias escolas, foi levantada a hipótese de um novo movimento de protesto, uma nova abordagem: a ocupação das escolas.

> Cada unidade escolar que aderiu à ocupação enquanto nova forma de luta social tomou essa decisão à sua maneira. No entanto as primeiras escolas ocupadas se inspiraram na cartilha ‘Como ocupar um colégio?’, texto traduzido e adaptado pela Seção Argentina da Frente de Estudiantes Libertários. O texto tinha como meta descrever e registrar a experiência argentina, que foi inspirada, por sua vez, na luta dos secundaristas chilenos (JANUÁRIO et al, 2016, p. 12)

O movimento foi tomando maiores proporções e após um mês do início das ocupações, havia mais de 200 escolas ocupadas. Os “ocupas já estavam um tanto

cansados” e o governo parecia, segundo relato dos estudantes, estar “enrolando” (assim como ocorreria no Rio de Janeiro posteriormente).

Os jovens decidiram mudar um pouco a estratégia de mobilização e protesto: fazer aulas na rua, levando as carteiras escolares. Ficou marcada para muitos brasileiros a imagem de uma jovem negra, puxando a cadeira de um lado, enquanto do outro, um policial tentava puxar também a cadeira escolar. Essa imagem, muitos diriam, talvez tenha marcado o movimento estudantil de São Paulo (e do Brasil).

Nesse momento, após esses atos (aulas públicas), segundo JANUÁRIO (2016) a população começou a apoiar mais fortemente o movimento. Também houve apoio de pais, professores, artistas, e inclusive uma “virada das ocupações”, com shows em várias dessas escolas ocupadas.

O movimento foi demonstrando força e contando com o apoio da sociedade e quatro dias após assinar a reorganização, o governador voltou atrás e decidiu adiar por um ano a medida, tendo também o secretário de educação entregado seu cargo. (JANUÁRIO et al, 2016)

Percebemos então que assim como no caso do Chile, o caso das ocupações escolares em São Paulo obteve conquistas, e que influenciaram também o movimento no Rio de Janeiro.

3 #OCUPAESCOLA: AS OCUPAÇÕES CARIOCAS

Sou um dos caras
da ocupação
De tudo que fiz
eu levei uma lição
De uns escutei,
para outros ensinei
E com tudo isso
minha vida acelerei
Foram tantas emoções
que não da nem pra contar
Foram tantas alegrias
naquele simples lugar
A escola que era chata
vemos agora diferente
Pois toda essa batalha
amadureceu a gente
Uma luta que deu certo
mas que ainda não findou
E queremos lhe passar
tudo que nos motivou
Um motivo diferente
Ou talvez até igual
Um amor dentro da gente
Que nos tira todo o mal
A vontade de vencer
Que supera nossos medos
Dentro desse pouco tempo
Já trocamos até segredos
Algo tão inesquecível
Bem marcado na história
Os amigos que aqui fiz
Guardarei sempre na memória

J.S.A

Poesia de um aluno ocupa da escola nº 3

Neste capítulo, abordaremos a questão das ocupações especificamente na cidade do Rio de Janeiro. Devo admitir que se o próprio colégio em que trabalho não tivesse sido ocupado pelos “meus” alunos, talvez esse trabalho não teria sido realizado.

Foi toda a movimentação, o burburinho e a intensidade, vividos no colégio em que trabalho, antes e durante a ocupação que me motivaram e despertaram meu interesse pelo tema, assim como o fato de ver os professores divididos, alguns apoiando outros achando tudo aquilo um absurdo.

Afinal, o que é isso que estão fazendo? Eu precisava tentar entender – um pouco – de que se tratava aquilo.

Também devo admitir ainda que todas nós do setor pedagógico não sabíamos muito bem do que se tratava uma ocupação, tínhamos um certo receio sobre o que poderia acontecer, aos próprios alunos (já que a escola está cercada por tráfico e milícia), com nossos pertences e escola.

Ouvíamos os colegas comentando que os alunos iriam “invadir” e “destruir” ou arrombar coisas. Algumas de nós (inclusive eu, inicialmente) trancamos algumas gavetas com documentos pessoais de alunos e levamos a chave, com medo de que os móveis fossem arrombados e/ou documentos sigilosos sobre alunos fossem lidos ou manipulados.

Sendo assim, ao mesmo tempo que eu sentia certo receio de entrar em uma ocupação, foi me interessando cada vez mais o tema.

Comecei a pesquisar sobre o mesmo, a princípio acompanhando “de longe” as ocupações anteriores a do meu colégio pelas páginas de mídias sociais (facebook), páginas essas de essencial importância para o movimento, já que a partir delas, são publicadas e divulgadas atividades das ocupações. Acompanhava publicações, e cronogramas semanais de atividades.

Até que um dia fui em um debate na UERJ com jovens ocupas e consegui o contato deles para visitar algumas das escolas, assim, foi a partir deste debate e encontro, que pude iniciar as visitas físicas a algumas unidades escolares ocupadas.

O processo de ocupação carioca nasce estruturalmente, ainda que com motivações e objetivos um tanto diferentes, parecido com o paulista, segundo Ortellado (2016, p. 12):

> Começa com a expressão de indignação no facebook, nos grupos de whatsapp e no cotidiano da escola. Ao perceberem que a indignação

> era compartilhada, nasce o movimento. Ele começa como conflito local [...], logo vira passeata nos bairros, depois protestos em regiões centrais, reunindo várias escolas, e finalmente, ocupações.

Em 21 de Março de 2016 foi ocupado o primeiro colégio na cidade do Rio de Janeiro. A cada semana outros iam sendo ocupados, até chegarem ao número aproximado de 90. Na verdade há uma dificuldade em relação a este número, variável.

O site G1, em 19/04/16, fala em quase 70 escolas. Os alunos me falavam em cerca de 90, no entanto buscamos e utilizamos como parâmetro a informação retirada do mapa do google (09/10/16) de escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro, através do qual foram contabilizadas 92 escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro.

Abaixo, fizemos uma tabela com o número aproximado de escolas ocupadas visualizadas no mapa do google, por região (mapa disponível no seguinte endereço eletrônico : https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1lIERA_NZxZTneTIpZ5F0nrxZ_5k&hl=pt_BR&ll=-22.125337163539943%2C-42.92249354150391&z=8. Acesso em 16/10/15).

Percebemos de acordo com o mapa do google e da tabela, que a região Sul Fluminense e a Noroeste tiveram o mesmo número (9), a cidade do Rio de Janeiro, onde as escolas observadas nesta pesquisa se localizam, foi a que teve maior número de escolas ocupadas (39), seguida pela Região dos Lagos com 17 escolas ocupadas.

Quadro 2 – Escolas Ocupadas por região (Continua)

Região	Número de escolas ocupadas
Região Noroeste (Campos dos Goycatazes e arredores)	9
Região dos Lagos (Macaé, Búzios, Cabo Frio, Arraial, Iguaba, Araruama,	17
Niterói e São Gonçalo	7

Quadro 2 – Escolas Ocupadas por região (Continuação)

Baixada Fluminense	8
Região Serrana	3
Região Sul Fluminense (Angra dos Reis, Barra Mansa, Volta Redonda)	9
Rio de Janeiro	39
Total de escolas ocupadas no Estado	**92**

Fonte: A autora, 2016.

3.1 **A hashtag (#): simbologia e relevância para o(s) movimento(s)**

Antes de abordarmos a questão da ocupação carioca propriamente dita, iremos pensar um pouco brevemente sobre a simbologia e importância da hashtag antes da palavra (o “jogo da velha” que acompanha cada tema como por exemplo #ocupaescola, #ocupaseeduc, #ocupaMinc, etc.), que está inclusive no título deste trabalho.

Isto porque em todos esses movimentos sociais recentes pelo mundo, no qual a juventude (e não apenas ela, a sociedade como um todo) se organiza e organizou por uma mobilização social real, presencial, esta veio acompanhada geralmente da mobilização virtual.

As hashtags não são usadas apenas em movimentos sociais. Elas estão presentes nos meios de comunicação (mídias cibernéticas sociais) e são de extrema relevância. Vivemos em uma época na qual o mundo virtual se funde ao real.

Hoje, mais que isso, difícil precisar o que “realmente é real ou virtual?” O virtual não pode ser real? O real não pode ser virtualizado por nós? De qualquer forma, as mídias sociais hoje têm grande relevância na vida das pessoas e instituições (da sociedade de uma forma geral):

> As hashtags demonstram que a cultura criada dentro do ciberespaço, ou seja, a cibercultura, possui traços humanos tanto quanto quaisquer outros tipos de cultura, são criaturas humanas. Não há separação entre uma forma de cultura e o ser humano. Somos essas culturas (SANTAELLA apud MOURA; MANDAJI, 2014, p. 2).

É importante ressaltar que essa “realidade” virtual que mistura-se, faz parte e mesmo apoia o “real”. Fernanda Costa-Moura, afirma que muitas vezes, em um “evento”, manifestação ou uma causa criados no facebook (ou alguma outra mídia), a pessoa (física, real) que está acompanhando e participando deste processo pode não comparecer (pessoalmente), mas demonstra seu apoio, curtindo e confirmando presença “virtual”, o que acaba fortalecendo de alguma forma o “real” (o não-virtual) (COSTA-MOURA, 2014). Ou seja, houve de qualquer forma envolvimento e participação.

A mesma autora relata ainda que esse símbolo (#) teria iniciado sua “força” e ascensão principalmente (e inicialmente) com o propósito de reunir um mesmo tema no Twitter* (O twitter é uma rede social que faz parte da cibercultura contemporânea, uma espécie de blog, no qual podem ser utilizados fotos e pequenos textos sobre um determinado tema), há cerca de sete anos atrás. Essa rede social trazia a inovação de conectar em “hiperlink” diversas outras hasthags ou redes sociais:

> As hashtags são usadas ainda para marcar mensagens individuais como pertencente a um grupo específico [...]. Funcionam também como balizas para que outros usuários encontrem, sigam ou articulem listas de contatos ou apoios públicos. (COSTA- MOURA, 2014)

A autora ressalta ainda que as # podem significar um sentimento ou ação comum, sem necessariamente buscar uma categorização, mas como forma mesmo de expressão, como por exemplo #triste, #feliz, #partiufesta.

Hoje em dia, são muito usadas nas diversas redes sociais e não apenas no Twitter; tanto para expressar sentimento, quanto uma ação, um movimento, uma manifestação, uma ideia. Mais que isso, passou da linguagem escrita para a linguagem oral.

O que presenciamos hoje, portanto, é um novo espaço público, que se constrói entre o físico e o virtual, ou seja, é a “virtualidade real”, que traz uma nova forma de ser, estar, fazer, o “ciberespaço” (MOURA e MANDAJI, 2013; COSTA-MOURA, 2014; CASTELLS, 2013).

Uma pesquisa apontada por Rita Migliora e Rosália Duarte faz apontamentos sobre algumas questões da Juventude carioca, comparando-a inclusive com uma pesquisa ocorrida na França.

Apesar das diferenças culturais e de realidade (na França por exemplo a maioria das escolas têm banda larga, o que acaba por ampliar o acesso do jovem ao

mundo cibernético, os “nossos jovens”, “mesmo sendo de classes populares [...] fazem uso frequente das tecnologias digitais em suas casas, mais da metade destes com banda larga [...]” (MIGLIORA e DUARTE, 2012, p. 179)

Um dos jovens ocupas da escola 5, entrevistado, ressalta a importância das mídias para o movimento na entrevista:

> Facebook é primordial... As redes sociais né, twitter, snap também... pras pessoas entenderem... A gente tem agora uma página unificada, não só a da nossa escola, que é a #ocupafaetec... que assim a gente ganha mais visibilidade do que uma só...vai juntando uma com a outra, vai fortalecendo... A gente consegue mostrar o que a gente fez... (Aluno 1 escola 5)

Os próprios jovens das ocupações visitadas ressaltavam a importância das mídias sociais, em suas vidas e nas mobilizações das quais faziam parte (as ocupações), inclusive publicavam cronogramas semanais de atividades através delas e as hashtags estavam presentes quase sempre.

Todas as ocupações tinham página na mídia social do facebook, acompanhadas de #ocupaescola1, #ocupaescola2, e assim sucessivamente. Nos anexos 5 e 6 é possível ver o uso da hashtag e o apelo às mídias sociais para que as pessoas visitassem a página da ocupação, se aproximando e participando então desta ocupação.

Talvez se não fossem as redes sociais, os movimentos recentes de protesto não existissem ou não teriam a mesma força, o mesmo apelo. As mídias sociais embora por vezes muito criticadas, cumprem função essencial na sociedade e consequentemente nas mobilizações sociais.

Pensando então que vivemos em uma sociedade na qual realidades “virtuais” e “reais” se fundem, se completam e fazem parte uma da outra, encerramos este tópico sobre “virtualidade” e “ciberespaço” para dar continuidade ao estudo “in loco”, com uma frase de Mike Davis:

“As mídias sociais são importantes, é claro, mas não onipresentes”. (2012, p. 41), ou seja, são parte importantes, mas partes de um processo muito mais complexo e maior do qual ela faz parte.

3.2 **O Início: O interesse, o objeto flutuante/líquido**

Foram visitadas ao todo seis escolas estaduais ocupadas, todas na cidade do Rio de Janeiro, para tentar entender e nos aproximarmos do fenômeno #ocupaescola que ocorreu no primeiro semestre do ano de 2016.

As escolas estaduais (três delas da rede da Secretaria Estadual de Educação e três da Secretaria de Ciência e Tecnologia) foram escolhidas de acordo com a proximidade de minha casa ou trabalho. Todas situadas na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Foram cerca de três meses de observação virtual e real, nos quais foram realizadas observações de atividades nessas ocupações e entrevistas com estes jovens que as ocuparam.

É importante ressaltar que este objeto de estudo tem como característica uma fluidez, se aproximando do que Bauman descreveria como “líquido”, como a vida na contemporaneidade. Poderia findar-se a qualquer momento.

Um exemplo seria por exemplo, a quantidade de jovens entrevistados, na maioria das escolas acontecia de forma parecida: começávamos a conversa às vezes com quase a totalidade dos jovens da ocupação, no entanto, eles se “dispersavam” no meio da entrevista:

Na escola 1, iniciamos com quase a totalidade dos jovens que estavam naquele dia (cerca de 15). Eu já tinha combinado que iria naquele dia e horário, no entanto, quando cheguei com uma amiga para visitá-los, eles ainda estavam com cara de sono, não haviam tomado café, e haviam se esquecido de que eu iria naquele dia. Assim, iniciamos a conversa no meio do café da manhã de todos eles.

No meio da entrevista, alguns precisavam fazer o almoço, outros arrumar os dormitórios. Ficaram 6 deles, dos quais 4 saíram para atender outro grupo com os quais haviam marcado – e também esquecido que iriam naquele dia, ficando inclusive apreensivos quando viram uma grande quantidade de outros jovens entrando.

Pararam a entrevista: “espera aí, para aí... o que é aquilo no portão?” – O jovem 1 perguntou ao jovem 2. O segundo respondeu “será que é desocupa?” E assim ficaram prontos para correr, até que os jovens uniformizados de uma escola técnica federal apareceram na porta: era também uma conversa, e estavam com um professor. Assim, 4 desses jovens seguiram com eles para mostrar a ocupação,

enquanto eu conversava com os 2 restantes.

Na escola 2, iniciamos com 5 alunos do lado de fora pois a princípio não queriam que fosse fotografada a parte interior da ocupação, assim como disseram que as entrevistas a qualquer pessoa ou imprensa, eram naquele local, do lado de dentro do portão, mas próximo à saída, ainda meio que “fora” efetivamente da escola, sem mostrar a ocupação.

Mas os 5 jovens ficaram cerca de 5 minutos, pois 3 de 5 jovens foram chamadas para almoçar e realizar suas tarefas de limpeza do dia. Restaram comigo uma moça e um rapaz, que eu sugeri que fossem almoçar, mas que não quiseram naquele momento (queriam conversar comigo, e segundo eles, não estavam com fome), assim poderiam almoçar depois (já era tarde, cerca de 15h, o almoço saiu tarde naquele dia).

Ainda na escola 2, durante outra atividade na qual participei (foto anexo 2) , um professor de filosofia trazia importantes questões, sobre os conceitos de escola (semânticos, reais e possíveis). Quase todos os jovens da ocupação participavam, quando um dos poucos que não estava chamou um jovem que participava da atividade: “Fulano, corre aqui comigo, tá tendo um vazamento no banheiro...”. Então eles interrompiam as atividades para realizar outras atividades, emergenciais ou cobradas pelos demais.

Na escola 3, a princípio, apenas uma jovem quis conversar comigo, pois eu estava com gravador, e eles ficaram com vergonha. No entanto, depois, um segundo jovem aceitou conversar pelo facebook.

Na escola 4, fui recebida por 3 jovens que iniciaram e finalizaram a entrevista, cansados, pois era o último dia de ocupação e estavam lavando a escola para entregar ao diretor. Houve uma tentativa anterior de contato e entrevista, no entanto estavam sem energia elétrica. A luz dessa escola havia sido cortada, então disseram a princípio que não era possível, pois não havia luz.

Nesse momento, pensei que talvez tivessem ficado apreensivos e achei melhor ir em outro momento (essa conversa inicial foi pela página da ocupação no facebook), e era justamente uma dificuldade enfrentada por eles que enriqueceria o trabalho, pois precisavam pedir comidas prontas, se alimentar muitas vezes de lanches...

No entanto, quando decidi aparecer sem avisar, neste último dia de ocupação, ficaram muito contentes em relatar como tinha sido, fizeram questão de mostrar

como estavam “devolvendo” o colégio, sem nada quebrado (pelo contrário, com espaços revitalizados e bebedouros limpos), queriam mostrar onde faziam a comida, onde havia reunião entre eles e com jovens de outras ocupações.

Na escola 5, escola em que trabalho, acompanhei um pouco mais de “perto” esse processo, de protesto inicial, decisão por assembleias, e de ocupação em si. Conversei com um grupo grande em um dos dias que acompanhei uma atividade, mas na verdade apenas dois alunos falavam, os outros ficavam apreensivos com o gravador. Conversei em outra visita com outro jovem, uma das lideranças nesta escola.

Na escola 6, a visita também foi no último dia, acompanhei a última assembleia interna deles e a despedida (foto ao final da conclusão). Conversei inicialmente com apenas um jovem, uma espécie de liderança (o jovem que negociou, representou e assinou documentos de compromisso com a defensoria pública e conselho tutelar).

Depois da assembleia, fomos para o teatro do colégio, para fazer a entrevista. Estavam nas últimas horas de ocupação, e queriam aproveitar o espaço que não conseguiam aproveitar com aulas regulares: faziam “palhaçadas”, cantavam, fingiam “atuar”.

De vez em quando o jovem parava a entrevista, pedindo aos colegas licença: “É difícil, eles querem brincar nesse espaço... que quase nunca vêm, é muito pouco utilizado... E eu sou meio que pai deles, preciso ficar ‘em cima’ dessa galera”.

Era preciso atentar para os limites deles também, saber até que ponto deixam-se observar. Quando a ocupação da escola 3, por exemplo, estava por acabar, os “ocupas” iriam realizar uma última assembleia, com pais, professores, alunos, de “retorno”.

Eu pedi à aluna que havia entrevistado anteriormente e que me mostrou o colégio, se poderia comparecer à assembleia, no entanto ela negou meu pedido e disse que era “algo particular, que teria muita roupa suja para lavar e que queriam deixar aquilo apenas entre eles”...

Essa é a parte negativa de fazer pesquisa numa escola na qual não é a mesma que você trabalha, a “roupa suja” só é vista até certo ponto. Enquanto na minha escola os jovens meio que “esqueciam” que eu estava lá pois eu já era “familiar”, e reclamavam um para o outro de um terceiro, em uma escola que não é minha, eles não queriam que determinada parte daquela realidade fosse observada,

registrada.

Na visita à escola 1, foi preciso saber o momento da visita acabar também. Eles conversaram comigo, bem animados, e com um grupo de alunos de outro colégio, federal, trazidos por um professor, que havia combinado com eles de conversar sobre o que é ocupação.

Num determinado momento, receberam uma notícia de que uma jovem ocupa (Rayzza Ribeiro) de um colégio da região dos Lagos, amiga de um deles, havia sido assassinada, e não sabiam se havia sido por conta ou não da ocupação, entretanto ficaram “arrasados”, , “sem clima” para conversar (alguns choravam e outros consolavam e pediam desculpa pela visita acabar daquela forma).

A metodologia foi mudando (também líquida, fluida, assim como o objeto de estudo) conforme as visitas foram avançando. Me arrependo de não ter feito na primeira escola da mesma forma como fui fazendo a partir da quarta escola, com mais experiência metodológica, digamos. Na primeira estava mais “formal”, fazendo perguntas específicas, dirigidas.

A partir da quarta escola fui deixando os estudantes falarem, fui percebendo que eles respondiam a maioria das perguntas que eu pretendia relizar, antes mesmo que eu perguntasse… Iam falando outras questões relevantes que eu não perguntava…

3.3 **Aproximações e distâncias**

Percebemos nas visitas, semelhanças e diferenças nas escolas, em relação à estrutura da escola, da ocupação e inclusive das reivindicações, algumas das quais bem parecidas e outras nem tanto. Diferenças entre escolas, localidades e ocupação, reivindicações.

Foram observadas em todas os seguintes tópicos: Organização, reivindicação, conquistas e dificuldades. No entanto foram observadas algumas similaridades e algumas diferenças entre elas, que serão apontadas neste tópico.

O tempo de duração das ocupações foi parecido: Escola 1 de 11/04 a 05/06, escola 2 de 17/05 a 31/07, escola 3 de 18/04 a 10/06, escola 4 de 08/04 a 01/06, escola 5 de 13/05 a 06/07, escola 6 de 04/05 a 06/07 ou seja, o tempo médio é cerca de (quase) 2 meses.

Em uma outra dessas visitas a atividades no colégio 5, um dos “ocupas” me perguntou se eu queria fazer um “tour” pelo colégio. Pensei “eu trabalho aqui há 3 anos, acho que já conheço a maioria dos espaços”, mas eu queria conhecer a cozinha de que tanto falavam (e os ratos que a rondavam), que inclusive foi objeto de “aparição” na mídia (RJ TV), por mais de uma vez por pontos negativos.

O curioso é que esse rapaz, que tem 22 ou 23 anos, “ainda” estava no 2º ano do Ensino Médio Técnico, repetiu algumas vezes, às vezes “matava aula”, não era exatamente o aluno “exemplar”. Mas durante a ocupação, tudo que os colegas pediam a ele, ele fazia: cozinhava (segundo ele, muito bem), ia ao mercado, trocava lâmpadas, se posicionava em reuniões com a comunidade externa (uma das atividades que acompanhei), fazia o que precisasse, o que lhe fosse pedido.

Ele me levou para conhecer a cozinha, e quando me mostrava as enormes panelas, apontou para uma “calha” interior dizendo: “ali é onde ficam os ratos”. Quando ele terminou de dizer essa frase, um deles (rato) passou correndo (anexo 11). Mostrou-me ainda um andar desconhecido, que eu nem sabia que existia, com uma sala que há muitos anos atrás servia como “castigo” (segundo ele) para outros jovens (a escola já foi uma Instituição de menores infratores).

Neste andar havia um terraço, que tem uma vista privilegiada do colégio, do bairro, o rapaz observava dizendo “a vista é linda daqui né? Mas garanto que tem muita gente que estuda e trabalha, sai daqui e não vê essa vista maravilhosa”. Fiquei um tempo ali, concordando com ele e pensando o quanto perdemos por “achar” que sabemos, que conhecemos e por muitas vezes não buscar conhecer mais pessoas e lugares.

Após a ocupação, procurando documentos sobre um outro aluno, encontrei documentos deste, que me mostrou o colégio. Ele estava no colégio desde 2011 ou 2012 (há cerca de 4 anos) e ainda não havia concluído o ensino médio, repetia de ano, foi encaminhado ao serviço social duas vezes por conta de problemas de abuso de bebida alcóolica. Certa vez ele passou mal no colégio e foi pra nossa sala, lembro porque fui eu que o atendi naquele dia.

Lembro que quando ia ligar pra sua casa, ele disse que não precisava pois ninguém ia acreditar que ele estava passando mal, e quando liguei, a mãe disse que não podia ir, mesmo estando em casa, deu o telefone do pai, para quem avisei e perguntou “mas ele está sentindo o que?” falei que estava com dor de estômago e ele perguntou “é isso mesmo?”

Ou seja, esse jovem vivia não sei exatamente quais situações em sua vida pessoal e familiar que não permitiam que a escola fosse seu objeto de desejo maior. A ocupação certamente mudou isso. Ele cozinhava, ajudava na organização, era um dos mais responsáveis na ocupação.

Infelizmente, acredito e até me responsabilizo um pouco, que a escola tem uma parcela de culpa, não pelos “problemas sociais” que ele vivia, mas por talvez realmente não tê-lo visto por completo ou não conseguir de alguma forma se aproximar ou ajudá-lo durante 5 anos em que esteve ali.

Após a ocupação, quando o encontrei um dia no corredor, perguntei como ele estava, e ele me disse que iria sair da escola, que precisava terminar logo o ensino médio e trabalhar, “fazer alguma coisa da vida”.

Me questiono até que ponto a escola errou com ele (não por querer, como disse; a quantidade de alunos por orientadora por exemplo, é muito maior do que o recomendado), até que ponto a escola não tinha um significado e passou a ter pra ele, com a ocupação, onde se sentia útil, talvez, fazendo “alguma coisa da vida” lá, cozinhando, limpando...

E até que ponto foi bom ou não pra ele sair de uma escola técnica. Até que ponto a ocupação pode fazer mais por ele, cumprir melhor sua função de autonomia pedagógica que a própria escola, designada oficialmente com essa função.

Retornando às similaridades entre as ocupações, além das pautas de reivindicação, acerca de verbas, pagamento de funcionários, eleição para direção ou grêmio estudantil, foram verificadas outras semelhanças entre as ocupações, como, por exemplo, a forma de organização em comissões, nem sempre com exatamente o mesmo nome mas com função parecida), como Cozinha, Limpeza, Segurança, Comunicação (que às vezes era relações exteriores)...

Entretanto, também foi observado que em todas elas, embora houvesse essa comissão a princípio, com o tempo, “todo mundo ia fazendo tudo”, ajudando no que precisasse.

A forma como se deu a ocupação também foi semelhante em todas elas: Primeiramente, o interesse, assembleias entre os alunos, decisão coletiva, ocupação.

Outra questão era a das atividades. Em todas elas havia um cronograma semanal de atividades a serem desenvolvidas (que nem sempre conseguiam ser cumpridas) mas que era planejado e divulgado na página do facebook. Como por

exemplo em uma das visitas que fiz à escola 5, em que haveria uma atividade programada na qual o professor acabou faltando, portanto teve de ser cancelada.

Mas que foi igualmente rico porque acabei ficando lá com eles observando outras questões. Uma jovem reclamava com a outra jovem de sua mãe, que a mãe não queria que ela ficasse muito tempo na ocupação. A outra começou a contar como era difícil a rotina dela, que tomava conta dos irmãos menores, que o pai "não queria saber". Fiquei ali pensando por quantas coisas esses jovens passam diariamente em suas casas e que os professores e nós nem imaginamos.

Uma outra chegou contando que um jovem de outra ocupação havia sido ameaçado. Uma outra perguntava quem podia ir dormir em outra ocupação (da escola 6), pois eles estavam cansados e ocupavam a escola há mais dias que a escola 5.

Uma outra reclamava do colega. "O fulano vem pra cá e não quer fazer nada... vai fazer sim! Vir pra ocupação só pra dizer que veio... eu hein!" E cobraram do rapaz que fosse ajudar na limpeza.

Fiquei imaginando quanta coisa não estavam aprendendo ali, na prática, entre eles, sem a interferência adulta. E como era rica toda aquela experiência. A questão da aprendizagem da consciência coletiva também perpassa por todas as ocupações, é uma similaridade, como podemos observar nos depoimentos desses jovens abaixo:

> *A união faz a força... Sem os meus amigos eu não teria força... Amizade... Falo com gente que eu nunca vi na vida, de outros turnos... Hoje somos uma família, passamos o dia todo juntos... Eu sei que não vou conseguir limpar o pátio todo sozinha... Teve gente que aprendeu a cozinhar, gente que não sabia fazer um miojo, acredita? E aprendeu a ter paciência também, porque olha o forninho que a gente tem... Teve dia da gente almoçar às 4 da tarde... (Aluna 1 escola 3. Foto do forninho no anexo 3)*
>
> *Eu vi outro dia um textão no facebook sobre um garoto bagunceiro, não vou saber dizer pra você agora o nome da escola. Surpreendentemente ele começou a fazer tudo na ocupação... Eu tenho colegas assim, eu vejo isso aqui na escola hoje, colegas que eram bagunceiros e que agora têm uma consciência, que, se sujar tem que limpar e que passam essa consciência pra outros... Aprendi que cada um dentro desse círculo pode mudar lá fora também... Não é só o que a gente vai fazer aqui... É por escala... (aluna 1 escola 2)*
>
> *Eu sou um cara que não sou muito de falar, sou um cara quieto, na minha... Falava só com meu grupo de amigos... E com a ocupação eu me descobri... Tive que correr atrás, falar, estar junto, aprender a me comunicar... Agora que eu tô vivendo tudo isso, o quanto eu tô*

> *aprendendo, tantos amigos, pessoas de grupos diferentes, que se respeitam... Embora sempre difícil a convivência, mas no final sempre gratificante... No final das contas se a gente não estiver junto, a gente não consegue... (Aluno 1, escola 5)*

Nesse sentido, pude observar que realmente esses jovens viveram uma imersão social, na qual foram vivenciando mais do que aulas e oficinas sobre temas específicos (como a atividade no anexo 10, de História, e tantas outras vivências práticas de oficinas e aulas), mas também aprendendo a lidar com conflitos entre opiniões reais, entre eles, entre o que um quer e o que o grupo quer, ou entre o que o grupo quer e o que é possível...

Um dos exemplos que pude observar foi na escola 2, em um determinado dia (nem todos os jovens dormiam todos os dias na ocupação), e uma dessas jovens (a que foi entrevistada por mim, que chorou ao falar da saudade da mãe, no depoimento mais abaixo), perguntava a uma outra jovem se elas poderiam trocar, se a outra poderia dormir aquele dia, se tinha algo importante no dia seguinte, pois ela (a jovem entrevistada) estava cansada e queria ir pra casa. Parecia haver uma escala de quem iria dormir qual dia na ocupação. A outra jovem respondeu que naquele dia não poderia dormir na escola, e ela, desanimada, olha pra um colega e diz “é, vou ter que dormir mesmo, a fulana não pode...”.

Pude observar ali, em uma mesma ocupação, jovens tão distintos, de grupos rotulados de “maconheiros”, “bagunceiros”, aos jovens que vão todos os domingos no grupo jovem da Igreja, dos alunos repetentes e que matam aula, aos representantes de turma, da “melhor” turma da escola.

Na minha escola mesmo pude perceber. Em uma atividade, um jovem representante de turma, calado, que tira as melhores notas, fazendo as mesmas atividades que aquele que tem problemas com álcool e drogas e repetiu de ano diversas vezes, ambos em busca de um objetivo comum.

Ou seja, esses jovens buscavam – ou não sabiam que buscavam, mas acabaram encontrando – uma unificação de seus espaços escolares que há muito não viam ou viviam, e isso se traduz em todos os meses que passaram juntos, nas conquistas e dificuldades, como por exemplo a da escola 4, que ficou 2 semanas sem luz elétrica (anexo 4). Mesmo assim a ocupação continuou, eles continuaram.

Já a aluna 1 da escola 2, relata que sua maior dificuldade era ficar longe da família:

> *A gente aqui não tem dificuldade de comida e tal, de carne como em*

> *outras escolas, tem uma sala inteira de doação de alimento, inclusive se você souber de alguma escola que esteja precisando, avisa que a gente pode doar... Mas pra mim o mais difícil é a saudade da minha mãe, tá mexendo muito [a jovem se emociona, chora, para um pouco a entrevista, mas continua] eu sou muito amiga dela e tem 2 semanas que não a vejo, mas minha mãe é funcionária do Estado também, então ela entende... Ela sabe que o que eu tô fazendo aqui é por ela também... (Aluna 1 escola 2)*

Já entre as diferenças podemos destacar por exemplo algumas pautas. Nas escolas que eram da SEEDUC, a maioria pedia eleição para direção e para grêmio, porque seus diretores eram indicados (nas 3 escolas visitadas foi assim). Já nas escolas da Ciência e Tecnologia, havia eleição para direção, mas a falta de pagamento dos funcionários era uma pauta comum entre elas, assim como obras emergenciais.

Ficou muito claro também, por exemplo a sensação de insegurança de algumas dessas ocupações como a escola 1, localizada em comunidade, na qual os alunos toda hora olhavam o portão e paravam a entrevista com medo do #desocupa. Em todas elas havia cadeados, menos na escola 2, que inclusive, mesmo ocupada, tinha um porteiro segurança (funcionário) durante todo o dia.

No entanto, ainda com algumas diferenças, essas escolas ocupadas conseguiram processos coletivos de decisões e debates, de união. Os jovens criaram um “comando” de escolas ocupadas:

> *Nessas reuniões de comando, todas as escolas enviam delegados, representantes, observadores né. Tem um estudante de um colégio de São Gonçalo que ele foi sequestrado e estava ocupando uma escola. E ele falou como foi... Sequestraram ele, não sei se foi polícia, bandido, ele tava de skate, ameaçaram ele pra desocupar, deram uma ‘skateada’ nele, e esse tipo de denúncia é muito importante. E assim a gente pesa e-mail de conteúdos do desocupa, a gente discute a linha política coletiva que vamos tomar. Isso tudo é votado lá. Então assim, eu acho que todo mundo tem todo o direito de se organizar ou até não se organizar porra nenhuma, tipo assim... Aliás, não se organizar não existe né. Se você não se organiza alguém se organiza por você, alguém te organiza! E é isso que o estado justamente quer, a falta de unidade, a falta de ajuda entre a gente... (Aluno 1, escola 1)*

Em relação ao apoio dos pais, algumas ocupações tiveram maior apoio desde o início (como a escola 2). Algumas tiveram um apoio maior após algumas reuniões com os responsáveis (como a escola 1 e 5). A escola 3, 4 e a escola 6 tiveram um pouco menos de apoio dos responsáveis, e inclusive a escola 4 e 6 tiveram movimento de #desocupa, talvez por esse descontentamento dos pais em relação ao movimento. Talvez por esse mesmo motivo, a aluna entrevistada da escola 3

tenha pedido que eu não fosse à ultima assembleia deles.

Também foi possível observar que as ocupações visitadas se preocupavam tanto com a parte física da escola (uso de espaços físicos, por exemplo, a escola 1 estava sem utilizar a quadra e fazia educação física dentro da sala de aula comum), com obras de infraestrutura, com merenda e alimentação. Todas elas fizeram limpeza, no chão, bebedouros, lavaram espaços, reformaram ou fizeram hortas e espaços verdes nas escolas. Mas também se preocuparam com uma parte mais estrutural, de realizar atividades "pedagógicas" (aulões, oficinas, debates) na ocupação, de colocar na pauta a necessidade de todas as disciplinas de ter dois tempos de aula semanal pelo menos, passe livre, salários dos funcionários.

3.4 **O (movimento) #desocupa:**

Neste tópico iremos relatar um pouco do movimento #desocupa (ou um pouco acerca das tentativas e dificuldades de contato com os respectivos movimentos). Tentamos contato pelo facebook com respectivos administradores das páginas, no entanto apenas duas das seis escolas observadas tinham página ou movimento "#desocupa": a escola número 4 e a escola número 6.

Em 05/07/16 tentei contato pela página do movimento (escola 6), assim como fiz com o movimento #ocupa, antes de ir à escola, me comunicava com pelas páginas do facebook.

Tentei contato com o #desocupa da escola número 6, no entanto, embora eu tenha pedido a colaboração na pesquisa, visando entender os motivos pelos quais eles queriam desocupar a escola, me responderam quase que prontamente "Sim, em que posso ajudar", no mesmo dia inclusive, mas quando enviei as perguntas, visualizaram e não responderam.

Com o movimento #desocupa da escola número 4 (cuja página principal foi posteriormente desativada) tentei o primeiro contato – também pelo facebook – em 21/06/16, o qual não foi respondido. Tentei novamente um pedido de entrevista/conversa – ainda que fosse por email, ou pelo próprio facebook – em 05/07/16. Recebi uma resposta em 06/07/16: "Olá, Gostaria de ver as perguntas primeiro se não incomodar", as quais enviei (as mesmas citadas para o desocupa da escola 6), no entanto foram visualizadas (no mesmo dia, 06/07/16) e não

respondidas.

Em 21 de Junho tentei contato com uma escola ocupada que não está entre as observadas nesta pesquisa, mas que tinha um forte (e aparentemente violento) movimento de desocupação, no próprio dia 21 me responderam apenas com uma pergunta “Você é jornalista?”, respondi no mesmo dia, no entanto mesmo após explicar que era para um trabalho de mestrado, não me responderam, talvez justamente porque eu não era jornalista.

As perguntas enviadas, as mesmas para todos os movimentos #desocupa e foram as seguintes:

Quantos anos você tem? Está em que ano?
Por que acredita que é a melhor opção é desocupar?
Algum de vocês conversou ou tem amigos na opção “ocupa”? Como foi essa conversa?
Sua escola possui problemas? Como acredita que possam ser contornados?
Considerações finais (fique a vontade para falar/escrever algum relato que não estava nas perguntas).

Pensando e observando os possíveis objetivos do movimento, foram pesquisadas as próprias postagens nas páginas de ambos os movimentos de #desocupa. Na página do desocupa da escola 6 conseguimos pesquisar na descrição da página os possíveis motivos para a desocupação do colégio. (trocamos o nome do colégio pelo número atribuído na pesquisa, na medida em que optamos pela não identificação das escolas):

> Criei essa página para dar voz aos alunos e pais que estão contra a ocupação da escola 6. Que fique claro que essa oposição nada tem a ver com o direito à greve que todos têm, porém, todo "cidadão tem direito ao estudo". De nada adianta reivindicar seus direitos, desrespeitando o direito dos pais e alunos que estão sendo PREJUDICADOS com essa paralisação.
>
> Ainda que parcialmente, as aulas estavam acontecendo na escola 6. Agora não há mais nada. Um absurdo o que estão fazendo. Há outros meios de protesto. Não usem os alunos para isso. Eles são os maiores

> PREJUDICADOS. Os professores têm recebido os seus salários e os alunos têm recebido o que? Vamos agir. PAIS E ALUNOS: ACORDEM!!!!

Na página do “desocupa” da escola 4 (antes de sua desativação), conseguimos obter a descrição e objetivos do movimento: “Página destinada à mobilização contra a ocupação da escola 4 .Tendo em vista a normalização do período letivo.”

Encontramos ainda em uma postagem da página um melhor detalhamento e explicação acerca do movimento:

> Nós que fazemos parte do Desocupa Escola 4 gostaríamos de agradecer aos que estão demonstrando apoio ao nosso movimento, além de esclarecer algumas questões que estão sendo interpretadas de má forma. Desde o início da página estamos recebendo mensagens de pessoas dizendo que o que estávamos fazendo era palhaçada, entre outros adjetivos que não merecem ser citados.
>
> Vale ressaltar que em nenhum momento o objetivo da exposição de nossas opiniões foi criar qualquer tipo de atrito entre os envolvidos. Então, no nosso direito de cidadão, podemos e devemos expressá-las, e a forma encontrada foi através das redes sociais.
>
> Evidenciamos que não temos nada contra os ocupantes, muito pelo contrário, compreendemos o ponto de vista de vocês, e esperamos que façam o mesmo conosco. Nossas posições são divergentes por ora, e não existe razão para entrarmos em discussões, tampouco em provocações por redes sociais.
>
> Nossa principal reivindicação é e sempre foi o restabelecimento das aulas, tendo em vista diversas consequências, uma delas é haver alunos considerando até mesmo a transferência da unidade. Outro ponto relevante a ser citado é o conteúdo das nossas publicações. Nós queremos apenas mostrar o lado bom do colégio, que em certos momentos ficou oculto a eficiência de seus projetos e o crescimento dos alunos, em razão dos comentários negativos sobre o mesmo no decorrer do tempo de ocupação.

Este mesmo movimento fez uma Petição Pública Online pela desocupação da escola 4, tentando desqualificar o movimento de ocupação, resumindo os diversos propósitos e objetivos do movimento apenas à questão alimentar (como se, ainda que fosse apenas por esse motivo, a ocupação não fosse um motivo válido), já que estes alunos ficam o dia todo na escola. O movimento afirma que as reivindicações seriam “supérfluas”:

> No dia 8 de abril de 2016, a unidade foi ocupada por um grupo de alunos que fazem reivindicações supérfluas e sem um propósito igualitário, onde esses ocupantes solicitam a mudança na alimentação oferecida pela escola, uma vez que não estão satisfeitos em almoçar ovo uma vez na semana, e melhorias na internet como "prioridades básicas”. Portanto viemos através deste

> abaixo-assinado pedir a DESOCUPAÇÃO DA ESCOLA 4, pois temos a mais sincera convicção de que a ocupação da escola não possui nenhum fundamento válido que pudesse ser considerado na decisão tão inconsequente de tal prática. Nós, do movimento desocupa, também queremos que todos os colégios sejam de referência, mas a ocupação não é o caminho certo.

No entanto, o que foi narrado pelos “ocupas” da escola 4 foi uma situação complicada em relação à alimentação (que eu vejo e vivencio em minha própria escola: “a nossa escola é nova, de referência, tem quatro anos e tem coisa vencida há dez anos... Complicado né? ” (Aluno 4 da escola 4).

O aluno afirma ainda que a escola é Integral e eles passam cerca de 10 horas por dia na escola e recentemente foi descoberto que há muitos alunos com anemia, e disse ainda que tem dia que o lanche da manhã é biscoito, o almoço é ovo, depois tem o mesmo biscoito no lanche da tarde, biscoito no lanche da manhã, o mesmo biscoito de novo no lanche da tarde, afirmação esta reforçada pelos colegas entrevistados.

Embora o movimento #desocupa tenha ocorrido pontualmente em apenas algumas destas escolas, é importante ressaltar que por tudo que aconteceu em uma dessas escolas ocupadas, com estudantes feridos, os “ocupas” tomavam muito cuidado, faziam rondas com suas equipes de segurança, e ainda assim, na escola 1 por exemplo, a toda hora “paravam” a entrevista olhando para o portão com medo do #desocupa.

Para uma melhor visualização da dimensão do movimento #desocupa, fizemos um quadro comparativo, com informações retiradas das páginas oficiais do facebook dos respectivos movimentos sendo a última verificação em 03/08/16, com o número de “curtidas” que cada movimento recebeu até aquele dia.

A partir das informações, podemos concluir que houve tentativas na pesquisa de contato com quatro grupos de #desocupa (inclusive de escolas que não foram pesquisadas e visitadas) no entanto não houve resposta por parte de nenhum destes pequenos grupos, e quando houve, foram as relatadas acima, perguntaram se eu era jornalista, pediram para ver as perguntas, no entanto, não houve resposta.

É possível pela tabela abaixo perceber que é um movimento pequeno, que não esteve presente em todas ou na maioria das escolas ocupadas, e que se preocupava (a partir das postagens nas páginas do facebook, nas publicações públicas) majoritariamente em restabelecer as aulas, em que condições fossem,

muitas vezes com outros grupos e contra a vontade da maioria dos alunos e usando às vezes de força coercitiva (polícia, direção, responsáveis).

Quadro 3 – Quantidade de curtidas/ apoiadores do movimento #ocupa e #desocupa

Escola	#ocupa	#desocupa
Escola 1	2.102 curtidas/apoiadores	Não houve página/movimento
Escola 2	3.386 curtidas/apoiadores	Não houve página/movimento
Escola 3	1.240 curtidas/apoiadores	Não houve página/movimento
Escola 4	2.775 curtidas/apoiadores	Página principal removida*
Escola 5	912 curtidas/apoiadores	Não houve página/movimento
Escola 6	2.693 curtidas/apoiadores	242 curtidas/apoiadores

*A escola 4 tinha duas páginas, uma praticamente sem uso com 22 apoiadores e uma página principal com postagens do movimento #desocupa (do colégio 4). Essa escola tinha 404 curtidas ou apoiadores em 11/07/16. No entanto foi verificado em 03/08/16 que a página foi apagada, ficando "ativa" apenas a página que na realidade não foi/é utilizada.

Fonte: A autora, 2016.

Quando perguntados aos "ocupas cariocas" entrevistados o que pensavam sobre o #desocupa, o aluno 1 do colégio 1 afirma que acredita ocorrer da seguinte forma: "Tem estudantes que são influenciados pelos professores que não são grevistas... A gente tem print de que a própria Seeduc apoia eles... Colocaram na página deles mas depois retiraram do ar...". O aluno 2 diz que houve certo recuo da secretaria estadual de educação:

> *Depois até a gente conseguiu uma nota de repúdio da Seeduc contra o movimento desocupa. Porque a partir do momento que a secretaria de educação apoia um movimento que esfaqueia alunos, ela tem que se posicionar contra... Até então a secretaria ficou quieta. Saiu notícia de que em colégio tal, tinha gente com o braço quebrado, aluno esfaqueado e a secretaria nada disse, entendeu? Eles querem jogar estudante contra estudante*

Na escola 4 um dos entrevistados ressalta que acredita que a página do #desocupa relativa ao seu colégio foi criada por um pai, que reclamou deles na reunião que fizeram com os pais, afirmando que a escola seria de excelência e não precisavam ocupar: "tem um pai especifico também que era contra... criou até uma página no facebook, "desocupa escola 4" (ALUNO1, ESCOLA 4).

A aluna 2 completa: “é, dizendo que a gente está aqui porque não quer estudar... E ele mora aqui do lado... Estamos cercados de inimigos”, referindo-se ao pai em questão e apontando para uma das regiões administrativas da Seeduc, que se localiza bem próximo ao colégio.

Os alunos entrevistados das escolas 5 e 6 acreditam que a negativa de aceitação por parte do movimento de descoupa seria a falta de informação/ conhecimento do movimento #ocupa:

> *A atividade do desocupa é mais uma questão de falta de informação. Acho que quando é passado o porquê, a maioria entende... Tinham muitas pessoas aqui que eram contra, mas conforme fomos dialogando, eles começaram a pensar diferente...” (ALUNO 1, ESCOLA 6)*

A escola 4, considerada uma das escolas-modelo do Estado do Rio de Janeiro, de excelência, mas que no entanto tinha diversos prolemas internos segundo os “ocupas”, teve um movimento de #desocupa e um dos alunos afirma: “Toda vez que eu conversava com o pessoal do desocupa eles diziam que não precisava ocupar porque o colégio é bom... pô, a gente ta bom? Legal, mas e os outros colégios? O Estado não é só a gente” (Aluno 1 escola 4). Afirmaram que, dentre outras questões internas, ocuparam em apoio aos outros colégios estuduais.

Um dos entrevistados da escola 5 e um da escola 6 acreditam que a questão do movimento #desocupa seja parecida: falta de comunicação e vivência com o #ocupa. O aluno da escola 5 afirma o seguinte:

> *Eu acho que o problema é falta de comunicação. Eu tinha uma professora que falava que o maior problema do ser humano é o não tentar comunicar-se... Acho sinceramente que quem é contra o movimento é porque de fato não o conhece, porque se a pessoas souberem de tudo que tá acontecendo, tudo que a gente tá fazendo, acho que quando a pessoa procura saber, vem conhecer, pode até não ser a favor mas vai lidar sem violência, vai respeitar... (ALUNO 2, ESCOLA 5).*

Na escola 5 o jovem acredita que não tenha ocorrido #desocupa porque houve bastante conversa e a maioria entendeu do que se tratava o #ocupaescola. Inclusive no anexo 8 apresentamos um dos depoimentos de um aluno desta escola que era contra o #ocupa e depois de participar de uma atividade de debate com eles, mudou sua opinião.

Não conseguimos o contato direto com entrevista pessoal ou virtual com o movimento #desocupa para ouvir diretamente seus objetivos, mas ainda assim entendemos que o objetivo principal foi a pressão pelo imediato retorno às aulas. No

entanto, essa posição, que acreditamos seja a deste movimento, foi concluída a partir exclusivamente das postagens nas páginas.

Não é possível saber ao certo se foi um movimento de professores não-grevistas, alunos realmente contra, gestores institucionais, de pais de alunos, como um dos jovens da escola 4 sugeriu (ou mesmo de todos eles). Não houve entrevista e nossas conclusões, portanto, reafirmo, basearam-se apenas nas respectivas páginas do movimento no facebook.

4 PODER, CURRÍCULO, AUTORIDADE E IDENTIDADE: O LEGADO PESSOAL E SOCIAL DAS OCUPAÇÕES

Neste capítulo abordaremos algumas das questões que acreditamos ser possíveis legados, pessoais e coletivos das ocupações cariocas: contestação de poder, currículo, autoridade e mesmo identidade juvenil.

4.1 Ocupação e Currículo

Na escola 5 (“minha escola”), eu e algumas orientadoras decidimos propor uma roda de conversa, um bate-papo durante a ocupação (programação de atividades de ocupação desta escola no anexo 15). Levamos um livro “Cuidado, escola: desigualdade, domesticação e algumas saídas” (FREIRE, 1987) para debater com eles sobre escola e as percepções que tinham dela.

Iniciamos com uma roda de conversa, perguntando se eles conheciam a Orientação Educacional. Um deles falou “é pra onde a gente vai quando dá problema”. Todos riram. Eu falei “Infelizmente... Mas nós estamos aqui pra começar a mudar isso, conhecer vocês... vocês têm medo da gente, só aparecem na nossa sala quando são chamados... queremos mudar um pouco isso, conhecer vocês...”.

Uma colega explicou que o setor de orientação é (ou deveria ser) uma forma de apoio ao aluno e seu processo formativo, então buscamos ajudá-los sempre que possível em suas e nossas limitações, quando conseguimos, o que é difícil pois muitas vezes ficamos “presas na parte burocrática” do trabalhando, verificando notas, entregando boletim... Pegamos algumas imagens do livro e sorteamos, para que cada dupla ou trio pudesse falar primeiramente sobre aquela imagem.

Em uma das figuras havia uma peça grande, com espaços iguais (todos redondos) e peças soltas, de diferentes formas. Perguntamos o que significava aquilo para eles. Uma menina disse que nem todos são iguais, e a escola quer que sejam. Outro rapaz disse “é, às vezes tentamos nos encaixar mas não conseguimos...”.

Em outra figura analisada, uma suposta professora pega uma colher gigante escrito “matemática” para “enfiar” na cabeça do aluno. Alguns riram e um deles disse “é exatamente isso... A escola manda a gente aprender várias coisas que não

precisa... Eu, por exemplo, quero fazer engenharia, não preciso de sociologia, filosofia...”.

Uma menina da ocupação retrucou “claro que precisa, todos nós precisamos, pra aprender a pensar, questionar... não é porque você não vai seguir uma carreira de humanas que não precisa de filosofia... mas que eu não preciso dessa matemática toda, não preciso”, falou, brincando.

Depois de alguns jovens se colocarem e falarem sobre suas figuras, impressões e sentimentos sobre a escola, um dos jovens “ocupas”, de cabelo azul, finalizou essa parte do encontro dizendo “o problema é que a escola não escuta a gente... ou não escutava, mas vocês, terem vindo aqui, significa muita coisa pra gente, significa que vocês querem conversar, se aproximar... Mas então, a gente já falou sobre a escola, que vocês pediram... Agora o que vocês acham da nossa ocupação?”

Senti (ou sentimos) um nó na garganta. Nenhuma de nós respondeu por algum tempo. Até que uma falou “acho vocês bem corajosos, se fosse eu na minha época de adolescente, do jeito que sou acomodada, com certeza não faria, não exatamente por não acreditar, mas pelo trabalho que dá...”.

Eu falei depois dessa colega “Eu acho que independente de concordar ou não, porque algumas de nós aqui concordamos e outras não, estamos todas aqui pra ouvir e apoiar vocês, deixamos essa diferença de lado e viemos aqui, concordando ou não com a forma como vocês estão protestando contra tudo o que está acontecendo... Mas o que eu queria dizer é que independente de concordar ou não, acima disso, entendemos e respeitamos os motivos de vocês.”.

O jovem de cabelo azul ficou visivelmente emocionado, e uma das colegas finalizou, dizendo que não poderia oficialmente “concordar”, mas que sem dúvida eles eram corajosos e estavam de “parabéns” por lutar por algo em que acreditavam.

Depois, o “papo” sobre ocupação continuou e uma aluna (não ocupante, que apenas participava da roda de conversa) disse que não concordava porque a ocupação iria “atrapalhar todo mundo”.

Um dos “ocupas” que estava lá, se colocou, mencionou os motivos que os levaram a ocupar, que foi uma votação, que a maioria do colégio apoiou essa atitude e disse ainda “mas aí você tá pensando só em você, em como não importa como VOCÊ vai terminar SUA escola... O que vai me atrapalhar é continuar como está, eu também vou me atrasar, mas a gente está pensando na gente e nos outros... E os

que vêm depois da gente? Será que vão terminar? Será que vão entrar?”.

O rapaz de cabelo azul explicou os problemas, falta de funcionário, atraso nos pagamentos, falta de segurança no colégio, falou das dificuldades de estar numa ocupação, da ficha que ele fez e estava na página do facebook do movimento, com uma enquete sobre o movimento, perguntando se a pessoa era a favor, contra e porquê, e que estava muito feliz em receber a gente.

Na verdade não apenas eles como outros, “ocupas” ou não, pediram mais encontros com a Orientação Educacional. Havia ainda uma menina de outra unidade ocupada da rede FAETEC que afirmou que nunca reparou se existe ou não este setor em sua escola, mas que tinha gostado e ia procurar saber de que se tratava o setor, como funcionava…

Ou seja, esses jovens da minha escola estavam se questionando sobre currículo, sobre a própria função da escola e seus setores, assim como os jovens de outras ocupações, preocupados além de “lanches repetidos”, mas também preocupados com problemas relativos a merenda, infraestrutura, uso ou não de espaços na escola. Quando questionados sobre as reivindicações, uma das reinvindicações percebidas ao longo das observações era pela questão do currículo:

> *Fim da coleira eletrônica. Você tem que recarregar todo dia e você ganha 5 passagens. Só que a gente acha ineficiente. Porque se você pega 2 ônibus pra ir e 2 pra voltar você não pode usar isso como veículo de cultura. A educação também é ir pro cinema, também é visitar os pontos turísticos da cidade que eles dizem ser nossos, ah se você falar, você também quer ir pra praia? Quero. Isso também é meu. Nosso. Isso é educação. Então a gente quer esse direito sim.*
>
> *Tem uma lei que é a lei 38.280, que os movimentos estudantis conquistaram com muita passeata e essa lei não é cumprida até hoje porque as empresas de transporte como a Fetransport inclusive, elas orientam seus motoristas a não deixarem os estudantes passarem por trás, sendo que essa lei permite que eles entrem aos finais de semana, uniformizados.*
>
> *Também queremos eleição direta pra diretor e* ***nenhuma matéria no currículo obrigatório com menos de dois tempos... A gente tem matérias importantíssimas com 1 tempo por semana, Filosofia, Sociologia, Biologia “bixo”****... Ah tem também um fundo de no mínimo 15 mil reais para todas as escolas ocupadas para as infra estruturas.*
>
> *(ALUNO 1 ESCOLA 1)*

A aluna 1 da escola 3 ressalta a importância de aprender nos aulões, oficinas e debates na ocupação o que eles próprios têm interesse, ou como afirma ARROYO, estão ali em busca de “novas fronteiras onde disputam reconhecimento como sujeitos de tantos direitos ainda negados” (ARROYO, 2013, p. 9), explicitada na fala de uma aluna da escola 3:

> *Foi bom porque os aulões são voltados muito pro que a gente quer aprender... Não é o professor que vem e diz o que vai explicar... Na ocupação, o professor chega aqui e pergunta o que vocês querem aprender? Não quero aprender sobre História do "Descobrimento do Brasil", quero aprender sobre Ditadura... Nós tivemos aula de filosofia, sociologia, fizemos grafiti, debate sobre política, feminismo... O que foi muito bom porque os meninos achavam que era bobeira feminismo e depois do aulão alguns falaram que mudou esse pensamento...*
>
> *(ALUNA 1, ESCOLA 3)*

Ou seja, essas percepções sobre relevância e relatividade de temas que estão postos no dia a dia desses jovens (e na sociedade) e que muitas vezes são ignorados pela Escola é currículo, percepções debatidas e vivenciadas na prática, num "jogo" no qual disputam o Estado, o professor, os alunos.

E eles puderam justamente nas ocupações escolher, debater, construir e reconstruir não apenas temas de seus interesses, como o próprio espaço escolar e a apropriação que cada um desses jovens fazia desse espaço, assim como seus significados e funções assumidos e resignificados a partir da ocupação.

4.2 **Ocupação: Poder e Autoridade em Disputa**

A partir das observações e vivências nas ocupações, foi possível perceber também as relações de poder e uma certa mudança nessas relações. Foram relatados em várias ocupações, problemas relativos a autoridade. Na escola 1, na escola 4 e na escola 6 as assembleias de alunos não eram permitidas pelos gestores.

Segundo eles, havia sempre algum "empecilho" ou impedimento para que essas reuniões ocorressem dentro do espaço escolar. Direções segundo os alunos, arbitrárias, sendo inclusive em ambas escolas utilizada coação policial e uso do medo:

Na escola 1 relataram que precisaram realizar as primeiras assembleias fora do espaço escolar, numa praça pública, porque não era permitido que o fizessem na escola. Quando foi permitido que houvesse, no entanto, da mesma forma houve tentativa de desmobilização por parte da direção:

> *Teve duas reuniões dos alunos fora da escola... A gente falou que queria formar um grêmio, falou da assembleia no colégio, aí direção deixou, só pediu pra um professor escolhido por nós ficar ciente e participar da assembleia. No dia que ia ter a assembleia, do nada disseram que não poderia, porque era ordem de cima... Aí a gente decidiu, sentou no chão pra*

> *fazer assembleia mesmo assim, daqui a pouco alguém me chama e diz "tão te chamando lá na direção"... Cheguei lá, tinha o diretor e mais dois policiais a paisana dentro da sala da direção, começaram a gritar, querer coagir, falar pra eu acabar com a assembleia...*
>
> *(ALUNO 1, ESCOLA 1)*

O aluno 2 explica que os policiais eram conhecidos: "porque aqui tem um projeto de música da UPP, os policiais dão aula de violão na escola." O aluno 1 contesta: "mas eles só dão aula né... não tinham que intervir nisso...".

Na escola 6 um dos alunos relatou que ligaram da escola pra casa dele e de outros, falando para os responsáveis que era perigoso para o aluno ocupar a escola, porque "nunca se sabe o que pode acontecer".

Na escola 5 o aluno 2 entrevistado relata uma situação que considera curiosa, em relação a poder e autoridade:

> *Teve um dia que veio uma mãe, ela queria saber como estava a situação da escola, quem melhor pra responder essa questão do que um dos alunos ocupantes? Ela chegou, deu bom dia, eu também, abri a porta pra ela... Ela disse "eu queria falar com o responsável". Eu disse "pode falar", ela repetiu, "não, eu queria falar com o responsável mesmo pela escola, que gerencia". Eu disse "a escola tá ocupada e nós estamos gerenciando a escola". Ela ficou meio assim, confusa, porque na verdade é complicado, eu sei que é... Nunca teve ocupação, ninguém sabe explicar melhor que a gente, nem orientação, secretaria, direção... Então eu expliquei como tudo estava funcionando no momento...*

Ou seja, os alunos se apropriaram do espaço escolar no período de ocupação, de forma que eles eram "a autoridade", eles eram os "responsáveis pela escola" (como deveriam também o ser durante as aulas, o ano letivo comum).

Eles definem currículo, definem o que é falado na reunião com pais, definem e registram quem entra na escola.

Algumas das comissões de segurança das ocupações, pediam identificação de quem entrava naquele espaço escolar durante a ocupação, algumas identificação verbal, outras por escrito: "é uma segurança pra nós", disseram a aluna da escola 2 e o aluno da escola 5, que afirmaram que já teve gente que dizia que ia pra ocupação e quando o pai ou a mãe ia procurar, não encontrava o registro de comparecimento do adolescente (na ocupação).

Ou seja, eles registram entrada, saída, são responsáveis pela escola, respondiam por ela naquele momento e ditavam qual currículo, qual tema, qual abordagem queriam ou não discutir, aprender.

Discutiam o que era relevante. Mais do que isso, esses jovens, que com sua

mobilização contestaram mais do que simplesmente as ações do Estado: esses jovens contestaram a atual – e real – função da escola, da aprendizagem. Nas palavras do aluno 1 da escola 6, ditas olhando para seus colegas que estavam no palco do teatro do colégio:

> *A juventude entendeu que ela precisava pensar, se mexer, raciocinar. O aluno que nunca prestou atenção na sociedade, nas coisas, teve essa conscientização política... Você vê professores da sua escola te elogiando... Um doutor da minha escola virou pra mim e falou cara eu vou sentar e você me dá aula, a gente precisa conversar... Não é mais "eu venho pra escola pra assistir aula e vou embora"... Isso não pode se perder, esse brilho, esse encanto...* ***A gente tem que rever a escola, eu venho pra escola pra ela modificar minha vida...*** *Eu fico impressionado, eles dando a opinião deles... Escola tipo eu vou lá bater o ponto e vou embora, não é pra ser assim... Esse pensamento de que tudo é passagem e passageiro...* ***Não existia mais vínculo e esse vínculo foi restabelecido...***
>
> (ALUNO 1, ESCOLA 6*)*

Foi perguntado aos jovens sobre o legado pessoal e social das ocupações, o que eles pensam que a ocupação deixou ou deixaria para eles e para o grupo todo. A maioria ressaltou dificuldades (e superação e aprendizagem delas) em relação à convivência humana, convivência com as diferenças e as adversidades...

No entanto acredito que uma das descrições do "legado" do aluno 1 da escola 1 chamou-me especial atenção (e talvez resuma as outras). Perpassa as definições mais gerais de "politização e participação juvenil", "organização", "poder do jovem". Acredito que o depoimento do jovem 1 da escola 1 ressaltou a contribuição (o futuro legado) das ocupações não apenas para ele, mas para todos eles:

> ***A gente tá aqui passando por essa experiência, a gente vai crescer, virar adulto, trabalhar e vai saber que se estiver ruim, pode ocupar fábrica, trabalho... Mudar as coisas...*** *Esses jovens (ocupas) vão trabalhar. Vão pensar nos processos que vivenciaram nas escolas. Esse é o começo de uma nova história. É preciso desconstruir o imaginário do povo brasileiro... As futuras lutas,* ***o legado da ocupação é que sabemos a força que temos****, a luta vai continuar...*

4.3 **Ocupação e identidade juvenil**

Esse jovem se descobriu, descobriu direitos, descobriu espaços... Fez (e refez) direitos e instituições. Foram se reunindo em grupos dentro das escolas, entre-escolas, até formarem comissões para debater pautas afins e reuniões

periódicas com defensoria pública e outras instâncias legais.

Uma nova construção de identidades juvenis vai se costurando entre família, escola, mídia, grupos sociais ou mesmo dentro de uma ocupação. Utilizando a colocação do aluno 1 da escola 6 sobre protagonismo juvenil, mais abaixo, acredito que essa seja mesmo a chave das ocupações.

O jovem ali, no centro e protagonizando todo processo, construindo assembleias, debatendo, fazendo suas escolhas, criando grêmios, assinando termos de compromisso entre a comissão de “ocupas” e a FAETEC (no caso da SEEDUC nenhum acordo foi assinado, já na ciência e tecnologia os alunos conseguiram um termo de compromisso do Estado com alguns pontos prometidos, como por exemplo redistribuição de verbas, verba mínima para cada escola, visita de especialistas para obras emergenciais, etc), inclusive assumindo suas consequências, positivas ou negativas.

No meu colégio por exemplo, dois desses jovens ocupas foram convocados após a ocupação para responder à Sindicância na FAETEC. Segundo eles, foram inclusive questionados acerca dos funcionários e professores que estariam apoiando as ocupações também (queriam que eles dissessem os nomes dos funcionários que os apoiaram).

Ou seja, estão ali, naquele novo cenário social, construindo, reconstruindo e desconstruindo. Nas palavras do aluno 1 da escola 6: “o que mais impressiona é o protagonismo estudantil. **O aluno se tornou dono da escola**, isso me emociona...”. A aluna 1 da escola 3 ressalta o que a ocupação trouxe para ela: “pra onde eu for, se eu ver uma questão que tá errada, vou lutar, procurar saber... até mudar...”.

Estes jovens, “espelhos” (já que vivemos em uma sociedade que tenta a cada dia continuar mais jovem), sem contudo valorizar essa juventude, como eles mesmos disseram, fizeram história. Fizeram algo que nunca antes havia sido realizado no estado do Rio de Janeiro, e influenciaram a cultura, tendo sido inclusive tema de marchinha de carnaval segundo o Jornal Extra Online – 22/01/17:

> Neste momento conturbado do país, era de se esperar que os blocos falassem de... política. Ainda bem que o carnaval vem chegando para fazer do limão uma limonada e colocar todo mundo para rir do momento atual. Alguns já estão com o samba prontinho, cheio de ironias.
>
> O Suvaco do Cristo é um deles. A mensagem é mais do que oportuna: "Ocupa a lua". A música, de Tomaz Miranda e Mellinho, começa assim: "Vou me render, meu Redentor/ No planeta Terra, tá

> difícil/ A crise tá russa, a trampa tá armada/ Estudantes ocupando a resistir/ Nos mostre, meu Senhor, pra onde ir/ Sabedoria popular é o seu norte/ Quem nasce com ocupa lua tem sorte".
>
> João Avelleira, à frente do bloco, diz que a letra faz uso da licença poética para pedir trégua no carnaval. A lua representa o amor. E também fazemos uma homenagem à juventude, que começou com essa história de ocupação, colocando sua posição política, querendo falar e ser ouvida. Vamos reverenciar essa criançada que ocupou as escolas e o prédio do MEC. Ainda fazemos uma brincadeira de duplo sentido, porque, do jeito que as coisas andam, precisamos de muita sorte. Um dos refrões do samba diz: "Bloco na rua (Hei!)/Ocupa a lua/Ocupa a lua/Fugida Universal/Bloco na rua (Hei!)/Ocupa a lua/Ocupa a lua/Em pleno carnaval.

Esses jovens que ocuparam suas escolas, estão reconfigurando o que se entende por Escola, por Currículo, por Autoridade, por Juventude. Segundo ARROYO (2013) vivemos em um tempo que exige novas fronteiras de reconhecimento e há segundo ele uma “disputa de identidades” na escola atual, na qual os jovens sujeitos, que não são os mesmos de tempos atrás, buscam novas fronteiras, sujeitos esses que têm tido por tempos seus direitos negados.

CONCLUSÃO

Eu acredito é na rapaziada
Que segue em frente e segura o rojão
Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão
Eu vou a luta com essa juventude
Que não corre da raia a troco de nada
Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada
Gonzaguinha

Os estudantes ocupas, do Chile, SP, do Rio e de tantos outros lugares tiveram êxito em suas mobilizações. Conseguiram algumas vitórias: no caso da SEEDUC, saíram por imposição de liminar no estado; no caso da ciência e tecnologia. conseguiram um termo de compromisso assinado para desocuparem suas escolas (anexo 13), que, com o estado na atual situação em que se encontra, pode ser que não se concretize.

No entanto, conseguiram demonstrar a força da juventude. Conseguiram articular formas de indignação política, mobilização conjuntas e isso é uma conquista.

Eles dividem informações, fazem assembleias em seus colégios e entre os colégios. Constituíram eleições para direções escolares. Constituíram eleições para grêmios. Questionaram direções, secretarias de educação, derrubaram secretários de educação na SEEDUC (RJ) e trocaram a presidência da FAETEC.

As páginas das ocupações continuam ativas. Às vezes ainda fazem sugestões de atividades e debates. Ainda demonstram os desdobramentos das ações na página da ocupação que trocou de nome (de “#ocupa escola5 para #resiste escola 5), como por exemplo a ação que conseguiram que fosse levada adiante pela defensoria (anexo 14).

Muitos desses “ocupas” com os quais tive contato participam da AERJ (associação dos estudantes secundaristas do estado do rio de janeiro). Alguns já

finalizaram o ensino médio e estão na faculdade, outros mudaram suas percepções sobre quais carreiras queriam seguir (o aluno 1 da escola 6 queria fazer música e depois da ocupação quer fazer direito, por toda sua vivência na ocupação e acreditar que pode lutar por um mundo mais justo), muitos continuam em suas escolas, no grêmio ou fora dele, observando se este grêmio têm atendido às demandas dos alunos.

> Será preciso agora acompanhar como os estudantes passarão a articular as formas de organização conquistadas e popularizadas e as táticas de luta [...] Será a partir da articulação entre esses elementos que o movimento dos estudantes poderá fazer frente ao Estado e continuar a atuar na defesa da escola pública" (CAMPOS et al, 2016, p.331)

Eles se cansaram. Dormiram em colchonetes finos no chão (anexo 9), comeram atum com macarrão, ficaram à luz de velas por semanas. Mas também cansaram o Estado. Quando alguns estavam muito (fisicamente) debilitados, eles trocavam entre si de escolas (o aluno que era de determinada unidade escolar ia dormir ou passar o dia em outra, numa espécie de intercâmbio, para que o colega pudesse ir em casa descansar).

Essa foi a grande conquista: Articulação, Questionamento, Identidade, União. Os jovens, a partir de uma indignação coletiva, se unificaram, fizeram seus protestos, fizeram proposições, e ainda que nem todas tenham sido atentidas, apareceram na mídia, deslocaram a escola de seu lugar, uma instituição quase que sagrada, "santificada".

Esses jovens, tiraram "o professor" lá do palco, daquele lugar que fica na frente e disseram através da ocupação "nós estamos na frente também!". E o que eu espero e desejo é que essa busca por uma nova identidade escolar, juvenil, a partir de todas essas mobilizações, possa construir aos poucos uma nova escola, com significado, com valor, com respeito e com participação coletiva em debates e decisões, com união.

Não me pareceu em nenhum momento que eles estavam (como ouvi de alguns colegas professores) "numa colônia de férias". Debateram com professores nas atividades da ocupação, debateram entre eles. Trancaram ruas. Continuaram nas ocupações mesmo com as dificuldades. Estavam exaustos. Se desentendiam entre si, mas resolviam também entre si suas questões. Foram ouvidos, ainda que essa escuta tenha sido de forma "forçada", como numa panela de pressão, segundo um deles.

Acredito que as ocupações das escolas estaduais tenham logrado muito mais do que uma pauta e termo de compromisso assinado entre alunos, Estado e Defensoria Pública:

> Os vínculos entre educação-cidadania foram radicalizados pelos movimentos sociais que, ao politizar os direitos à terra, teto, trabalho, soberania alimentar, memória, identidade, saúde, educação, repolitizaram a cidadania e a educação [...] É promissor ver tantas redes e escolas e tantos coletivos traduzindo em práticas pedagógicas essa repolitização da cidadania e da educação (ARROYO, 2013, p. 374,).

Eles restabeleceram um vínculo pessoal e institucional. Uma cena para concluir este trabalho: A imagem final das ocupações é a da escola 6, na qual eu estava presente no último dia de ocupação e na última assembleia entre eles (foto na página seguinte).

Havia polícia do lado de fora, para garantir que saíssem no horário acordado. Mas ela não foi a protagonista.

Acredito que o que tenha ficado, se eu pudesse resumir em uma imagem “a ocupação”, seria o que o aluno 1 da escola 6 me revelou, em meio aos colegas no teatro do colégio, fazendo “algazarra”, brincando e “atuando” naquele palco escolar, naquele espaço que é dele (o teatro do colégio), e que através da ocupação, dele (e de tantos outros) se apropriou, sejam alunos “quietinhos”, “da igreja”, “da bagunça”, “que matam aula”, todos eles ali, no mesmo palco, dividindo a alegria de ter ocupado sua escola, que agora tem um (novo) significado para eles.

E eles sabem (ou estão se aproximando mais da ideia de) qual seja. Resta aos professores, outros profissionais e a própria Escola, redescobrirem também. Vivemos em rede, virtual, e real, conectadas e conectados.

Cada vez mais afetamos e somos afetados uns pelos outros. Essas ocupações foram movimentos afetados por momentos e por outros movimentos anteriores, sim, e afetaram elas também, não apenas as vidas de cada um dos jovens que delas participaram, afetaram a escola, seus pais, seus professores, gestores, a comunidade em volta delas.

Findo então este trabalho com as palavras do sociólogo Manuel Castells, e na esperança de que outros trabalhos, acerca destas e de futuras ocupações possam frutificar e enriquecer os novos movimentos sociais em rede, através delas, que as instituições, e principalmente, as pessoas possam em seus eternos processos de construção, individuais e coletivas cada vez mais participarem, se colocarem, em

seu lugar, no lugar do outro, em outro lugar:

> Qual seria o possível legado dos movimentos sociais em rede ainda em processo? A democracia. Uma nova forma de democracia [...] Afirmam seu direito de começar tudo de novo. Começar do começo, após chegar ao limite da autodestruição graças a nossas instituições atuais [...]. O legado dos movimentos sociais em rede terá sido afirmar a possibilidade de reaprender a conviver. Na verdadeira democracia. (CASTELLS, 2013, p. 183)

Figura 1 – Jovens reunidos na escola 6. Última reunião de ocupação.

Fonte: A autora, 2016.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (Org.). **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 37- 72

ACABOU A PAZ: ISTO AQUI VAI VIRAR O CHILE (Documentário). Direção Carlos Pronzato. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw>. Acesso em: 01 jul. 2016.

ALVES, Giovanni. Ocupar Wall Street...e depois?. In: HARVEY, David et al. **Ocuppy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo; Carta maior, 2012. p. 31 – 38

ARIES, Philippe. As Idades da Vida. In: _____. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981. p 29 – 38

ARROYO, Miguel G. Por novas fronteiras de reconhecimento. In: _____. **Currículo: território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013. p 9 – 19

_____. Histórias de não esquecimentos, de reconhecimento dos adolescentes e jovens. In: _____. **Currículo**: **território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2013. p.231 – 244

_____. Cidadania condicionada? Conquistada. In: _____. **Currículo**: território em disputa. Petrópolis: Vozes, 2013. p 362 – 374

BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112 – 121

CALIARI, Hingridy Fassarella. **Um Ensaio sobre a Participação Política da Juventude Brasileira**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Do Espírito Santo, Vitória, 2009.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas** – mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação – rebeliões e ocupações de 2011. In: HARVEY, David et al. **Ocuppy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, Carta maior, 2012. p. 7 – 14

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHOMSKY, Noam. **Occupy the future**. Artigo adaptado do discurso no acampamento de ocupação em Boston em 22 de Outubro de 2011. Tradução da autora. Disponível em: <http://chomsky.info/20111101>. Acesso em: 27 jun.16.

COSTA-MOURA, Fernanda. **Proliferação das #hashtags**: lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000300012>. Acesso em: 10 jul. 16

DAVIS, Mike. Chega de chiclete. In: HARVEY, David et al. **Ocuppy**: **movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo, Carta maior, 2012. p. 39 – 44

DONOSO-DIAZ, Sebastián. **El conflito por la educación pública en Chile del año 2011 y sus proyecciones**. . Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/movimento_secundarista_chile_artrev.pdf>. Acesso em 29 maio16

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa e uso da história oral. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.38, 2012.

FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Juventude, para além dos mitos (Introdução). In: _____. **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 9 – 16

FURTADO, Júlio. Escolas ocupadas ou escolas vazias? **Jornal O DIA**, Rio de Janeiro, 28 mai. 16.

GARCÍA-HUIDOBRO, Juan. Entrevista a Revista Carta Capital. 2011. Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/internacional/o-que-esta-por-tras-das-revoltas-no-chile>. Acesso em: 02 nov.16.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

JANUÁRIO, Adriano; CAMPOS, Maria M; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio Moretto. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. **Revista Fevereiro,** 2016. Disponível em: <http://www.revistafevereiro.com/pag.php?r=09&t=12>. Acesso em: 09 jun.16.

JANUARIO et al. Os desafios de uma ocupação: Convivência e horizontalidade. In : CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio. **Escolas de luta.** São Paulo: Veneta, 2016. p. 127 – 140

JANUARIO et al. Descoberta da escola, descoberta de direitos. In: CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio. **Escolas de luta**. São Paulo: Veneta, 2016. p.141 – 148

JANUARIO et al. A luta continua: Algumas reflexões sobre o future do movimento dos estudantes. In: CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio. **Escolas de luta.** São Paulo: Veneta, 2016. p. 303 – 332

LA REBELIÓN PINGUINA (Documentário). Direção Carlos Pronzato. 2007. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=HpqD5B257zo>. Acesso em 29 jun.16.

MAPA DAS ESCOLAS OCUPADAS NO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1lIERA_NZxZTneTIpZ5F0nrxZ_5k&hl=pt_BR&ll=-22.125337163539943%2C-42.92249354150391&z=8>. Acesso em 16 out.15

MIGLIORA, Rita Peixoto; DUARTE, Rosália Maria. Jovens do Rio de Janeiro e as novas mídias. In: SEGATA, Jean; MÁXIMO, Maria Elisa. Maria José BALDESSAR,(Orgs.) **Olhares sobre a cibercultura.** Florianópolis: CCE/UFSC, 2012. p.169 – 182

MOURA, Keren F; MANDAJI, Carolina F. da S. **A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas manifestações brasileiras de 2013**. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 16.

ORTELLADO, Pablo. A primeira flor de Junho (Prefácio). In: . CAMPOS, Antonia M.; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio. **Escolas de luta.** São Paulo: Veneta, 2016. p. 12 – 16

PAIS, José. 1990. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, vol. 25, 1990. Disponível em : <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/A_construcao_sociologica_da_juventude_0.pdf>. Acesso em: 25 jun.16.

PEREGRINO, Monica. E o bonde abalou! Contenção, Juventude e embate nas escolas do Rio. In: FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Orgs.). **Jovens em tempo real.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 221 – 236

RODRIGUES, Nelson. Só os idiotas respeitam Shakespeare. In: RODRIGUES, Nelson. **O óbvio ululante.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p 143 – 145

SAFATLE, Vladimir. Amar uma ideia. In: HARVEY, David et al. **Occupy – movimentos de protesto que tomaram as ruas.** São Paulo: Boitempo, Carta maior, 2012. p. 45 – 56

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n 71 p. 417-429, Maio/Ago. 2014

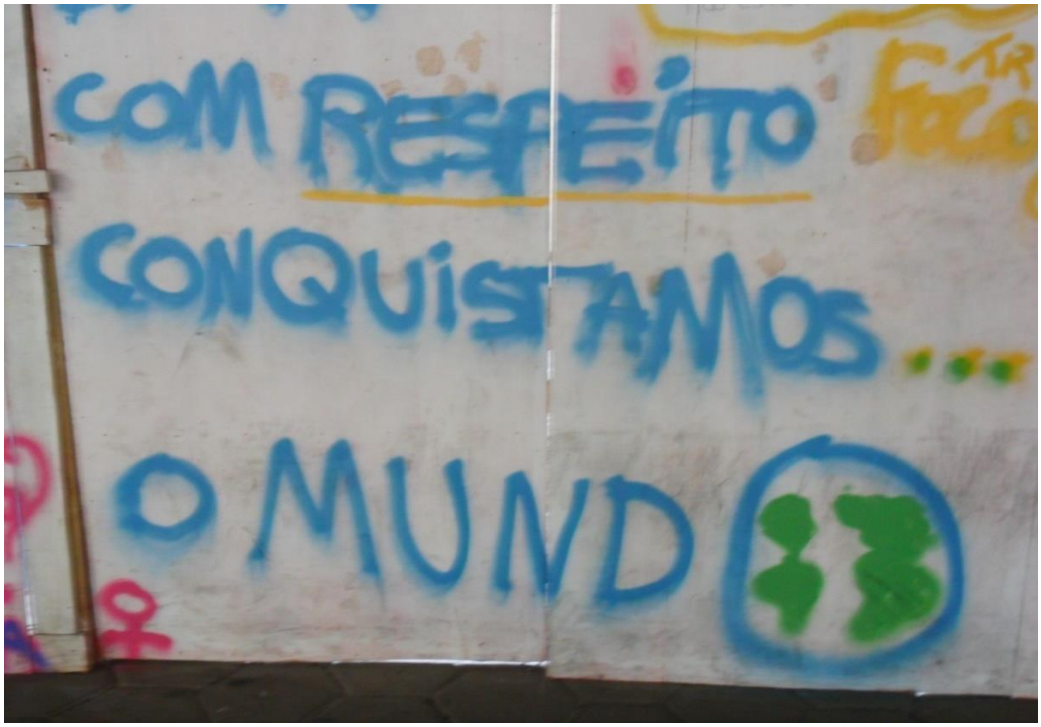
SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (Orgs**). Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011. p. 27 – 36

VALENCIA, Maria Cristina P. A cibercultura como campo de conhecimento. In: SEGATA, Jean; MÁXIMO, Maria Elisa. Maria José BALDESSAR,(Orgs.) **Olhares sobre a cibercultura.** Florianópolis: CCE/UFSC, 2012. p. 97 – 104

ZIZEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo. In: HARVEY, David et al. **Occupy** – movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, Carta maior, 2012. p. 15 – 26

ANEXO A: Tapumes personalizados pelos alunos da escola 3

Figura 2 – Tapumes personalizados pelos alunos da escola 3



Fonte: A autora, 2016.

ANEXO B: Atividade de filosofia em ocupação na escola 2

Figura 3 – Atividade de Filosofia em ocupação na escola 2

Fonte: Não identificação para preservar a fonte.

ANEXO C: Forninho elétrico em que os alunos cozinhavam durante a ocupação na escola 3

Figura 4: Forninho elétrico da ocupação na escola 3

Fonte: A autora, 2016.

ANEXO D: Escola 4, ficou sem energia elétrica por 2 semanas durante a ocupação

Figura 5: Refeição na ocupação da escola 4, à luz de velas

Fonte: Não identificação para preservar a fonte.

ANEXO E: Escola 2 (assim como as outras visitadas) faz apelo às redes sociais

Figura 6: Apelo da escola 2 às redes sociais

Fonte: A autora, 2016.

ANEXO F: As hashtags estavam presentes em todos os movimentos de ocupações escolares. Abaixo, foto do portão externo da escola 1

Figura 7: Hashtags acompanham os movimentos de ocupação.

Fonte: A autora, 2016.

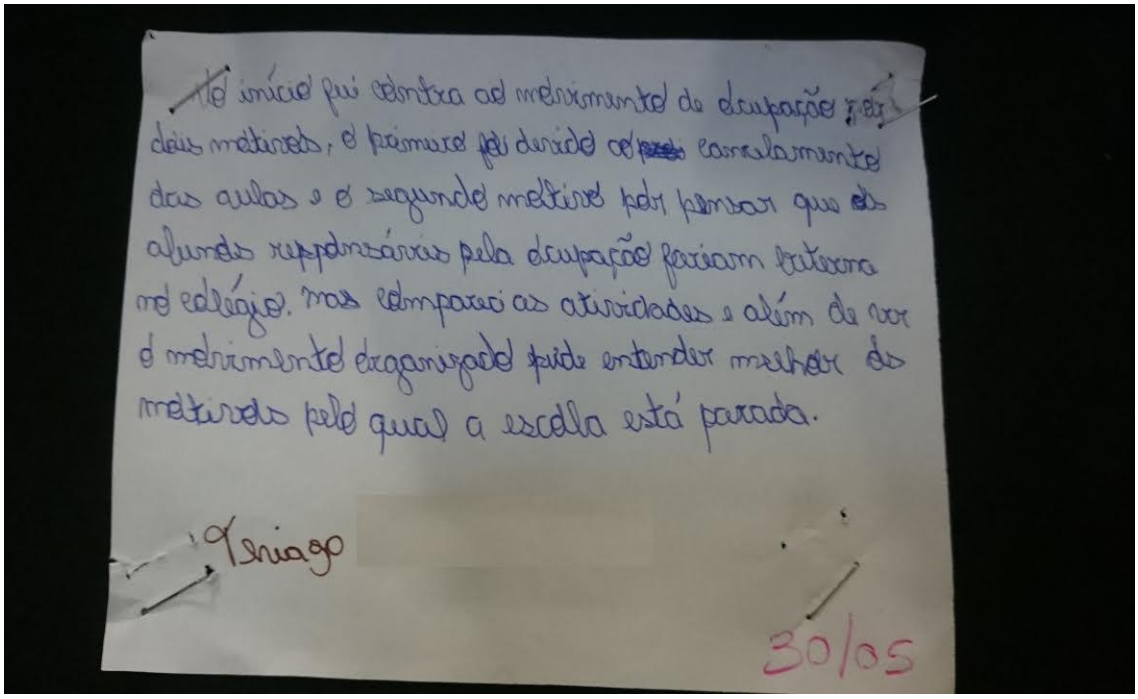
ANEXO G: Alunos da escola 3 fecham rua no Centro do Rio de Janeiro

Figura 8: Alunos fecham rua no Centro do Rio de Janeiro

Fonte: Não identificação para preservar a fonte.

ANEXO H: Estudante que era contra o movimento de ocupação deixa bilhete de apoio ao #ocupaescola após atividade de debate com os ocupas (Escola 5)

Figura 9: Bilhete de apoio ao movimento #Ocupa na escola 5



“No início fui contra ao movimento de ocupação por dois motivos, o primeiro foi devido ao cancelamento das aulas e o segundo motivo por pensar que os alunos responsáveis pela ocupação fariam baderna no colégio. Mas compareci as atividades e além de ver o movimento organizado pude entender melhor os motivos pelo qual a escola está parada”.

Fonte: A autora, 2016.

ANEXO I: Dormitórios improvisados na sala dos professores da escola 5

Figura 10: Dormitórios na ocupação da escola 5

Fonte: A autora, 2016.

ANEXO J: Atividade na Ocupação (Aulão de História - escola 6)

Figura 11: Aulão de História na ocupação da escola 6

Fonte: A autora, 2016.

ANEXO K: “Calha” no interior da cozinha da escola 5, onde no momento de minha visita, passou um rato.

Figura 12: Calha na cozinha da escola 5

Fonte: A autora, 2016 .

ANEXO L: Pauta Reivindicações específicas da unidade escolar (escola 5)

Figura 13: Reivindicações escola 5

Rio, 2016. – Movimento de Ocupação ESCOLA 5

PRINCIPAIS REINVIDICAÇÕES ESCOLA 5

• Reformulação de lei jantar e do Riocard.

• Repasse da verba.

• Aumento da segurança interna e externa (no campus e fora dele).

• Aumento do número de professores técnicos.

• Acesso público a nota detalhada de gastos da FAETEC.

• Regularização dos extintores da unidade.

• Garantia de uma alimentação variada e balanceada acompanhada de uma nutricionista.

• Melhoria dos equipamentos dos laboratórios técnicos e de ciências da natureza.

• Manutenção do refeitório e da secretaria (dedetização e consertos).

• Quitação de dívidas salariais com servidores e terceirizados.

• Realização de Visitas Técnicas.

• Otimização das quadras esportivas da unidade.

Fonte: Não identificação para preservar a fonte.

ANEXO M: Uma das páginas do Termo de compromisso assinado entre Ocupas da rede FAETEC, Comissão de Educação da Assembléia Legislativa, Defensoria Pública, Presidente da FAETEC, Secretário de Ciência e Tecnologia e outros.

Figura 14: Termo de Compromisso

CONSIDERANDO que a Lei 12.852/13 assegura ainda, no seu artigo 12, a participação efetiva do segmento juvenil, respeitada sua liberdade de organização, nos conselhos e instâncias deliberativas de gestão democrática das escolas e universidades (artigo 12).

resolvem firmar o presente

TERMO DE COMPROMISSO

de acordo com o permissivo do § 6º, do artigo 5º, da Lei n.º 7.347/85, em razão do que se obrigam ao cumprimento das seguintes cláusulas:

CLÁUSULA PRIMEIRA – DO OBJETO

O presente Termo de Compromisso tem por objeto as condições de oferta da Educação Básica nas unidades vinculadas à FAETEC.

CLÁUSULA SEGUNDA – DAS ATRIBUIÇÕES E RESPONSABILIDADES

As partes comprometem-se a:

I- A FAETEC caberá:

a) Dar cumprimento ao disposto nos artigos 1º, 2º e 3º da Lei n.11.947, de 16 de junho de 2009, e Resolução n. 465, de 23 de agosto de 2010, do Conselho Federal de Nutrição;

b) Lotar nas escolas técnicas de maior porte (mais de 500 alunos), onde há fornecimento de refeições, pelo menos um(a) nutricionista em cada unidade e aumentar a presença e fiscalização de outros nutricionistas da equipe de Nutrição Escolar nas unidades de menor porte (menos de 500 alunos), dando cumprimento às disposições legais e normativas quanto ao serviço de alimentação;

c) No prazo de 01 (uma) semana após o retorno das atividades, realizar a fiscalização e controle da qualidade dos alimentos existentes em cada unidade;

d) Permitir a fiscalização regular e periódica pelos Conselhos Escolares;

e) Elaborar estudo e informar as partes desse termo de compromisso, no prazo de 180 (centro e oitenta) dias a contar do retorno das atividades escolares, sobre a possibilidade de descentralização da compra dos gêneros alimentícios;

2

Fonte: Não identificação para preservar a fonte.

ANEXO N: Abaixo, publicação na página da ocupação (escola 5) com a seguinte legenda: “As inúmeras denúncias realizadas pelos alunos do movimento estudantil comando OcupaFAETEC, bem como o Termo de Compromisso assinado para fins de desocupação, começam a produzir seus ‘primeiros’ desdobramentos judiciais.” (Página da Ocupação no facebook, 07/12/16)

Figura 15: Desdobramentos judiciais

Fonte: Não identificação para preservar a fonte.

Anexo O: Publicação de Atividade semanal da Ocupação (Escola 5)

Figura 16: Atividade semanal de Ocupação

####### CALENDÁRIO DA OCUPAÇÃO#######
Segunda-Feira (23/05) - 10:00 - ASSEMBLÉIA INFORMATIVA onde a ocupação explicará o que tem acontecido nestes primeiros dias. Falaremos também sobre como estão as negociações e quais os projetos futuros.
14:00 - Quadras liberadas para atividades esportivas.
Terça-Feira (24/05) - 14:00 - Continuação da oficina de POE(Produção Oral e Escrita) com a professora Cxxx.
Quarta-Feira (25/05) - 14:00 - Bate-papo com as orientadoras pedagógicas da escola.
Quinta-Feira (26/05) - Portões fechados devido ao feriado de Corpus Christi. Portanto não realizaremos atividades externas.
Sexta-Feira (27/05) - Ponto facultativo.
E
Sábado (28/05) - Ponto facultativo.
Atividades remarcadas para semana que vem.
Contamos com a presença de vocês em todas as atividades.
OBS: Fiquem atentos em nossa página, calendário sujeito a alteração.
#OcupaESCOLA5
#OcupaTUDO

Fonte: Não identificação para preservar a fonte.